



Universidade Federal
de São João del-Rei

SARAH STELLA BOMFIM DE SOUZA

**ESTUDOS PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA
*OBRA COMPLETA DE C.G. JUNG***

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2023

SARAH STELLA BOMFIM DE SOUZA

**ESTUDOS PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA
*OBRA COMPLETA DE C.G. JUNG***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia

Linha de Pesquisa: 1

Orientador: Prof. Dr. Walter Melo

São João del-Rei

PPGPSI-UFSJ

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB) e
Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza, Sarah Stella Bomfim de.
S730e Estudos preliminares sobre o
conceito de Transferência na Obra Completa de
C.G. Jung / Sarah Stella Bomfim de Souza ;
orientador Walter Melo. -- São João del-Rei,
2023.
82 p.

Dissertação (Mestrado - Psicologia)
-- Universidade Federal de São João del-Rei,
2023.

1. Transferência. 2. Psicologia
Analítica. 3. História da Psicologia. I. Melo,
Walter, orient. II. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 71 / 2023 - PPGPSI (13.24)

Nº do Protocolo: 23122.039946/2023-80

São João del-Rei-MG, 09 de outubro de 2023.

A Dissertação ?Estudos preliminares sobre o conceito de transferência na Obra Completa de C. G. Jung?

elaborada por **Sarah Stella Bomfim de Souza**

e aprovada por todos os membros da Banca Examinadora, foi aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial à obtenção do título de

MESTRA EM PSICOLOGIA

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Filipe de Menezes Jesuino (Estácio)
Assinado por concordância com ata de defesa realizada por videoconferência

(Assinado digitalmente em 10/10/2023 08:34)

WALTER MELO JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 2510037

(Assinado digitalmente em 09/10/2023 13:16)

WILSON CAMILO CHAVES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DPSIC (12.25)
Matrícula: 1352910

Visualize o documento original em <https://sipac.ufsj.edu.br/public/documentos/index.jsp>
informando seu número: **71**, ano: **2023**, tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de
emissão: **09/10/2023** e o código de verificação: **336814b0ad**

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos especiais por essa empreitada são também a recordação do que quero levar desse processo.

Em primeiro lugar, à minha familinha, Marcia, Raimundo e Amanda. Ter pra onde voltar me motiva a querer ir mais longe. E à minha familhona, os Bomfim, o universo mais divertido do qual eu tenho a honra de participar.

Ao meu coven, minhas meninas, Rose e Aline, cujo companheirismo inabalável me faz sentir 3 em 1.

Meu amigo Filipe, cuja generosidade, respeito e amor seguraram a lanterna enquanto eu reajustava minha própria luz.

Ao meu irmão de travessia Davi de Lira, que embelezou antigos mistérios, apresentou novos e também alguns caminhos para os trilhar.

À querida Jessiane, interlocutora preciosa com quem pude partilhar muito do que é invisível a este trabalho final.

Aos meus queridos João e Palloma, um porto sempre seguro e meu teste de realidade, à prova de tempo, distância e escolhas habitacionais.

Ao Davi Domingues, meu cúmplice, com quem eu venho criando a leveza sustentável.

A meu orientador Walter, com quem aprendi grandes lições sobre delicadeza, esta que me levou a uma dissertação realmente com a minha cara. Oportunidades mudam vidas e a porta que se abriu deu para todo um universo.

Ao meu grupo de pesquisa Caminhos Junguianos, um espaço de amor e conhecimento que me faz acreditar.

À Fapemig pelo fomento.

À Adelina, Fernando, Carlos e Otávio. E à Nise.

“Mas havendo o ele querer que só eu soubesse, e que só eu esse nome verdadeiro pronunciasse. Entendi aquele valor. Amizade nossa ele não queria acontecida simples, no comum, sem enalço. A amizade dele, ele me dava. E amizade dada é amor.”

Riobaldo, *Grande Sertão: Veredas*

RESUMO

A presente dissertação investiga a gênese da concepção junguiana de transferência a partir da *Obra Completa de C. G. Jung*, por meio de metodologia histórico crítica, reconstruindo o contexto social e intelectual do autor, remontado ao longo dos capítulos. O conceito, que tem sua origem identificada na psicanálise, tem uma longa pré-história até ser abordado pelas nascentes Psiquiatria e Psicologia no século XIX. Jung, que vinha de uma formação bastante influenciada por uma psicologia francesa ignorada pelos germânicos, pode acompanhar a formulação do conceito por Freud e sua instituição na psicanálise, contando com contribuições de Ferenczi. Após período de colaboração, Jung se autoriza a fazer suas próprias considerações, assumindo as divergências com Freud e incorporando-as em sua compreensão da psicanálise, que o leva a uma concepção própria sobre a transferência. Com a ruptura com o movimento psicanalítico, por fim, reassume seu próprio caminho teórico, em que tenta conciliar diferentes pontos de vistas psicológicos sob uma perspectiva energética que insere os fenômenos de transferência em contexto psicológico mais amplo e propõe uma hermenêutica para abordá-los.

Palavras-chave: Transferência; C. G. Jung; Psicologia Analítica.

ABSTRACT

This work investigates the genesis of the Jungian conception of transference based on the *Collected Works of C. G. Jung*, using a historical-critical methodology, reconstructing the social and intellectual context of the author, retraced throughout the chapters. The concept, which has its origins identified in psychoanalysis, has a long prehistory until it was approached by the nascent Psychiatry and Psychology in the 19th century. Jung, who came from a background heavily influenced by a French psychology ignored by the Germans, was able to follow Freud's formulation of the concept and its establishment in psychoanalysis, with contributions from Sándor Ferenczi. After a period of collaboration, Jung allowed himself to make his own considerations, taking up his differences with Freud and incorporating them into his understanding of psychoanalysis, which led him to his own conception on transference. With the break with the psychoanalytic movement, he finally takes up his own theoretical path, in which he tries to reconcile different psychological points of view under an energetic perspective that places transference phenomena in a broader psychological context and proposes a hermeneutic to approach them.

Keywords: Transference; C. G. Jung; Analytical Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE C. G. JUNG	18
1.1 Antecedentes Históricos das Origens Teóricas da Transferência	18
1.2 O Hospital Burghölzli	21
1.3 Uma Herança Francesa: Flournoy e Janet	23
2. SIGMUND FREUD E A PSICANÁLISE	33
2.1 Aproximações iniciais na obra de Jung	37
2.2 Sándor Ferenczi: Transferência e Introjeção	42
2.3 A transferência da psicanálise	47
3. DA PSICANÁLISE À PSICOLOGIA ANALÍTICA	53
3.1 A concepção junguiana de libido	54
3.2 A prática psicanalítica de Jung	65
3.3 Psicologia Analítica	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

O termo *transferência* tem sua origem identificada no campo da Psicanálise e descoberta atribuída a Freud, que após o reconhecimento dos fenômenos concernentes, passou a elaborações teóricas que constituíram o próprio cerne do pensamento psicanalítico. Ellenberger (1970) destaca, no entanto, que a inovação de Freud não foi introduzir a noção de “transferência”, mas a ideia de analisá-la como ferramenta básica da terapia, pois advoga que o conceito de transferência de Freud teria sido uma metamorfose tardia do *rapport*, cuja longa evolução passou pelos mesmeristas e hipnotistas do séc. XVIII até sua utilização terapêutica por Pierre Janet (1859-1947). Ellenberger (1970) chega mesmo a citar que, apesar de não haver creditação a Janet por parte de Freud, Ernest Jones reconhece uma afinidade entre o conceito freudiano de “transferência” e o conceito de “influência sonambúlica” e “necessidade de orientação” que Janet desenvolveu em seus estudos sobre *rapport*¹. Por outro lado, Ellenberger reconhece na concepção posterior de Jung sobre transferência semelhanças com o trabalho do francês.

Em comparação com a extensa produção psicanalítica sobre o tema, a falta de elaborações em uma abordagem prática da clínica gerou carência nos colegas e discípulos de Jung, que queriam saber mais da abordagem analítica sobre esse fenômeno largamente tratado em Psicanálise. Em biografia de Jung de sua autoria, Barbara Hannah (2003) relata a cobrança constante de colegas junguianos para que Jung escrevesse sobre transferência. Vemos que Jung escolhe publicar suas elaborações teóricas mais gerais, enquanto o aspecto da prática clínica ele pareceu deixar para seus seminários. Os fenômenos da prática em suas facetas diversas geram angustiantes dúvidas, o que torna compreensível o clamor dos colegas de Jung por uma teorização específica sobre esta prática.

Muito disso se deve à postura pessoal de Jung como autor. Havia uma concepção vigente à sua época que buscava a criação de uma psicologia geral, com a qual ele se vinculou (Shamdasani, 2011). A distinção entre técnica e ciência mantém acesa a preocupação com a confiabilidade passada por seus trabalhos. O que o levou a reconhecer a dificuldade em conter a influência sugestiva típica à relação terapêutica no relato de suas experiências práticas como comprovação de suas teorias. Por isso, as comprovações teriam que ser outras e os trabalhos com caráter de estudo de caso, poucos (Shamdasani, 2001).

¹ “L’Influence Somnambulique et le Besoin de Direction” (1897), em *Revue Philosophique de la France et de l’Étranger*.

O próprio Jung credits a Freud a valorização acertada da transferência e é comum que faça menção a ele quando trata do assunto (Jung, 1946/2011)². Há um entendimento próximo ao psicanalítico que se mantém na concepção junguiana: o consenso em relação ao fenômeno quando ele é visto à luz da experiência primária infantil repetida na relação com o analista. Em situação de análise, o paciente reproduz com o analista a atitude que desenvolveu na relação com suas figuras de referência, mas que ao invés de ser interpretada de forma redutiva (comum no período de colaboração entre Jung e Freud), deve passar por uma interpretação simbólica. Podemos observar, no entanto, que Jung usa o termo *transferência* frequentemente referindo-se à concepção freudiana, o que pode contaminar a compreensão de sua própria concepção, que só foi se tornando mais estável à medida que a Psicologia Analítica tomava corpo ao longo de seus trabalhos.

Por outro flanco, há a importância do tema dentro do pensamento junguiano. Em resposta às solicitações para que escrevesse sobre a transferência, Jung tomou então uma seção introdutória de sua obra máxima *Mysterium Coniunctionis* para tratar do assunto e publicou com o título *Psicologia da Transferência*, em 1946, um ensaio profundo e muito exigente. No prólogo deste ensaio, o autor parte da referência freudiana para falar *sobre* os fenômenos de projeção na psicoterapia, mas adverte que não apresentará *os* tais fenômenos, e sim a psicologia de seus processos inconscientes. Não o direciona aos iniciantes na prática clínica e aponta como condição prévia para compreensão do ensaio a leitura de sua obra *Psicologia e Alquimia* (Jung, 1946/2011).

De fato, a leitura depende de uma consistente compreensão do pensamento do autor, além de, como ressalta Barbara Hannah (2003), não poder ser compreendido apenas através do intelecto. *Psicologia da Transferência* é uma explicação prática do processo de conjunção dos opostos, problemática caríssima à psicologia analítica e profundamente desenvolvida em *Mysterium Coniunctionis*. Após seus estudos alquímicos, que o fizeram aprofundar sua compreensão sobre projeção, ele elaborou melhor não só suas considerações acerca da transferência como revisou profundamente algumas de suas obras principais. Essa propriedade necessária ao estudo avançado, deste modo, destaca a importância do básico e de sua consistente apropriação.

² Modificamos o formato de citação das normas de formatação para referência às obras de Jung e de Freud, por entendermos que são organizadas em compilados de textos, com datas variadas, adicionando o ano de publicação original do texto ao ano da publicação do livro. Assim, seguimos com o modelo: (Jung, 1946/2011); e nas referências: Jung, C.G. (1946/2011). Essa modificação tem o objetivo de ajudar a orientação cronológica nas obras dos autores. No entanto, especificamente para a análise dos textos, consideramos a data de sua apresentação original, como explicado a seguir.

Considerando que analisar a construção de um conceito contribui sobremaneira para sua compreensão e a dos fenômenos que ele aborda, nosso objetivo com esta pesquisa foi compreender a gênese da concepção junguiana de transferência. Uma pesquisa epistemológica, que toma como objeto de análise a obra do autor, pode apontar suas lacunas, eventuais contradições, aberturas interpretativas, aproximações e distanciamentos com outras teorias, dissipando confusões conceituais que levam a fragmentações teóricas artificiais e solipsismos (Lopes, 2016). Além disso, especificamente à obra de Jung, é relevante diferenciar melhor as ambiguidades teóricas das inerentes aos processos psíquicos apresentados pelo autor, que tentou tratar do psiquismo, ou dos “mistérios da alma”, de forma que seu elemento principal não se perdesse nas limitações da linguagem (Shamdasani, 2005a).

Para este intuito, utilizamos o método *histórico-crítico* fundamentado na epistemologia genética de Jean Piaget, que combina a análise do conceito, suas aplicações e relação com corpo conceitual do autor, considerando sua localização temporal. Jean Piaget, cientista suíço cujo interesse pelo campo da epistemologia possibilitou que seu conhecimento abrangesse diversas áreas do conhecimento, como Biologia, Psicologia, Filosofia e Educação, reconheceu a necessidade de um método epistemológico científico para analisar o desenvolvimento da Psicologia que fosse interior à ciência psicológica em suas crises conceituais e metodológicas. Ele define epistemologia como “*o estudo da constituição dos conhecimentos válidos*, englobando o termo *constituição* simultaneamente as condições de acessão e as condições propriamente constitutivas ou relações cognitivas entre o sujeito e o objeto” (Piaget, 1980, p.109). Na sua proposta de uma epistemologia científica, Piaget (1980) enumera 3 condições para a constituição de um conhecimento válido: 1) conhecer o emprego efetivo do conceito, noção ou postulado teórico dentro da disciplina ou campo teórico considerado; 2) a validade da análise epistemológica resulta de seu aspecto logístico, submetendo-se à lógica interna da disciplina e a relação desta com a experiência; 3) considerar o lugar do sujeito do conhecimento, levando em conta os aspectos sociais e psicológicos influentes na produção de conhecimento.

A partir dessas condições, Piaget institui os *métodos genéticos*, que segundo o autor, preenchem as 3 condições da epistemologia científica. Estes procuram compreender os processos do conhecimento científico em função do seu *desenvolvimento* ou mesmo de sua *formação*. Os métodos genéticos se distinguem em 2 tipos: *o método histórico-crítico*; e *a*

*epistemologia genética*³. Com o método histórico-crítico, rastreamos o emprego de uma noção conceitual em determinado corpo teórico ao longo do tempo, sua relação com a experiência a que ele remete e com outros conceitos internos da teoria, orientando-nos por uma linha histórica sob a qual enfatizamos especificamente o contexto social – e seus atravessamentos institucionais, políticos, etc. – de produção desta teoria, não chegando a enfatizar uma psicogênese daquele conhecimento. Pondo o acento no desenvolvimento histórico, buscamos reconstituir as condições de sua formação, investigando “o conhecimento, suas heranças científicas, tradições culturais e circunstâncias que o atravessam” (Branco & Barrocas, 2012, p. 45).

Tal método conduz “a uma epistemologia específica do que poderia chamar-se o devir radical do conhecimento científico” (Piaget, 1980, p. 96). Reconhece-se que ao mesmo tempo em que o conhecimento evolui no interior de uma ciência, reformulando-se, este processo está engendrado em um espírito científico de sua época. No entanto, a assimilação desse contexto ocorre de modo que o que é assimilado passa por novas formulações que podem modificar o contexto científico. A pesquisa epistemológica deve então se propor a partir de alguma crise ou lacuna teórica e/ou metodológica que estabelecerá os critérios de investigação: se o conhecimento advém de fontes externas à teoria em questão; e quais foram as condições gerais de surgimento e sua função no interior dessa teoria (Branco & Barrocas, 2012).

Buscando compreender como Jung chegou à sua noção de transferência, tomamos como objeto a *Obra Completa* do autor. O autor foi profícuo e sua produção excedeu bastante o que foi coletado na *Obra Completa*, mas a coleção compreende os textos considerados principais para a compreensão da Psicologia Junguiana. Esta foi uma delimitação inicial de escopo no objeto.

No entanto, precisamos esclarecer de partida as principais limitações a que estamos submetidos quando decidimos fazer esta pesquisa conceitual com ênfase na dimensão histórica. No que diz respeito à obra de Jung, não usarmos como fonte o texto em sua língua original implica nas limitações de uma *tradução* sem fortuna crítica. Além disso, a falta de uma consideração crítica está na própria proposta editorial da *Obra Completa* em sua origem, as *Collected Works*. Eventualmente Jung produziu versões diferentes de um texto, para ser

³ A análise genética leva em conta as condições cognitivas do sujeito e sua relação com o objeto para estudar a passagem de um estado menor de conhecimento para um estado de conhecimento mais avançado, acompanhando a gênese psicológica e o crescimento do conhecimento válido (Piaget, 1980). É, portanto, indissociavelmente fundamentada em uma psicologia genética. Não é o nível de análise pretendido nesta dissertação.

publicado em periódicos e volumes avulsos, e tinha por hábito revisar seus trabalhos ao longo do tempo. Tais modificações, que fariam diferença na apreciação do processo de evolução das ideias, não foram registradas a contento nas edições coletadas da obra (Shamdasani, 2005a). Na ausência de uma edição crítica, fizemos a checagem cronológica considerando a data e versão do texto⁴ a qual complementamos com as informações de prefácio e fontes secundárias, como o *Dicionário Junguiano* (Pieri, 2002), no qual o autor organiza os escritos de Jung em ordem cronológica seguindo os critérios recém esclarecidos.

Por essa razão, explicamos também que a ordem cronológica dos textos não segue necessariamente a data de publicação detalhada na referência oficial. Para este trabalho de análise histórica, levamos em conta a data das últimas modificações identificadas pelas notas de rodapé e prefácios. Porém, no caso de palestras ou textos epistolares, quando não foram identificadas modificações para publicação, consideramos a data original do evento ou das correspondências para uma melhor contextualização temporal do conteúdo tratado. Isso levou a uma ordenação dos textos que, às vezes, contradiz as datas da referência em parênteses, que representa a data de publicação e não de apresentação daquelas ideias originalmente.

Uma varredura por toda Obra Completa mostrou-se importante para localizar temporalmente as afirmações de Jung. Primeiro, precisamos escolher descritores relacionados ao conceito, o que foi feito a partir principalmente de uma análise prévia do texto “A Psicologia da Transferência”, um ensaio de 1946 exclusivamente dedicado ao tema e produzido em período de maturidade teórica (Hannah, 2003). Chegamos à *transferência* como palavra-chave principal, e escolhemos outras para melhor filtragem dos resultados: *rapport*, *projeção*, *incesto*, *participation mystique*, *coniunctio*. Esses termos foram então pesquisados dentro de cada obra, sendo selecionados os resultados mais relevantes ao tema da transferência. Vale admitirmos que um levantamento de palavras-chave não capta a contento os desdobramentos teóricos e as articulações que Jung promoveu com outros campos de conhecimento. Este é um procedimento inicial para refinar as delimitações necessárias para o melhor contorno possível do objetivo.

Esta pesquisa dos termos foi feita através do Índice Remissivo de cada livro, complementada pela pesquisa no arquivo digital. Nesta etapa, a leitura é mais superficial, considerando que partimos de algum conhecimento prévio do corpo teórico estudado que ajuda a reconstruir inicialmente seu contexto e cronologia. Esta etapa levantou 59 textos,

⁴ No título de cada texto, há uma nota especificando a versão.

que vão de 1905 a 1959. Disto, tornaram-se necessárias novas delimitações que levassem em conta o tempo disponível e uma preocupação com a formação do conceito, em detrimento de seu desenvolvimento ao longo da obra.

Com a leitura superficial para reconstituir a cronologia pudemos ver que, apesar de seus principais escritos sobre transferência se espaçarem em 34 anos [de seu “Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica” (1912) ao “A psicologia da transferência” (1946)], o pensamento geral de Jung sobre o tema é bastante consistente. As contradições notáveis aparecem quando dizia respeito ao valor da transferência. Como há momentos em que o autor é favorável a uma utilidade da transferência, mas em outros momentos, ele trata de rechaçar, os contextos específicos foram essenciais para compreender essas contradições⁵. Steinberg (1988) defende que o essencial da compreensão sobre processo psicológico, no entanto, se manteve, e diz que houve mais aprofundamento do que mudança radical, o que parece um modo característico do estilo de Jung. Ele tinha uma abordagem circular que o levava a considerar o conhecimento sempre aberto à interpretação, refinamento e ampliação ulteriores, em torno de ideias centrais (Clarke, 1993; Shamdasani, 2011).

Por outro lado, sua primeira apresentação da compreensão própria sobre transferência, que aparece em 1912, é uma reformulação do conceito freudiano que se dá justamente em um contexto de revisão teórica que dá origem à Psicologia Analítica. Delimitamos então a pesquisa sobre o período histórico inicial da carreira de Jung, enfatizando sua colaboração com a psicanálise, de onde assimilou o conceito. Nossa incursão na Obra Completa passou a ser apenas até 1913, compreendendo 11 textos. A partir destes, fizemos uma análise mais sistêmica, para elucidar a relação do conceito com outras noções teóricas de Jung no período, ao mesmo tempo em que procuramos identificar a influência teórica de outros autores e áreas de conhecimento.

Para uma reconstituição do referencial objetivo do autor, apoiamo-nos, principalmente, nos esforços de historiadores da psicologia e autoridades reconhecidas para o campo da Psicologia Analítica. Consideramos as cartas como parte das fontes históricas primárias, enquanto literatura auxiliar para análise do objeto principal, que são os textos da Obra Completa. Biografias, artigos e ensaios de comentadores como fontes secundárias que também compõem a literatura auxiliar. Não levamos em conta a obra *Memórias, sonhos, reflexões* (Jung, 2016), para além de um comentário em nota de rodapé ao longo do texto. Isso se deu por seu complicado enquadramento enquanto gênero textual (Shamdasani, 2000).

⁵ Como pudemos comentar nas Considerações Finais.

A análise de relevância de fontes e referências, assim como toda interpretação que fizemos, pautou-se pelo quanto elas diziam respeito ao nosso problema.

Deste modo, nossa investigação deu uma grande ênfase ao caráter intensivo da pesquisa histórica crítica, aprofundando-nos nas influências externas em torno de Jung como um processo análogo a uma escavação, em detrimento de um avanço extensivo em sua própria obra. Apesar desse recurso ao contexto externo, ele se deu à medida em que pudesse enriquecer a compreensão interna à teoria. Importante destacar que com esta metodologia não buscamos desvelar uma "verdade" latente aos textos, mas construir uma interpretação possível dentro dos limites que os textos, primários e secundários, estabelecem. O resultado desses procedimentos foram apresentados finalmente nos capítulos que constituem o corpo desta dissertação, nos quais desenvolvemos uma ordem cronológica de constituição contextual e apreciação do processo de aproximação, assimilação e reformulação do conceito de transferência por Jung até culminar numa primeira concepção própria que serve de base para o enriquecimento posterior progressivo ao longo de sua obra.

O primeiro capítulo trata dos antecedentes históricos à teorização sobre os fenômenos de transferência. Antes da instituição da psiquiatria e psicologia dinâmicas, havia uma longa tradição de ideias psicológicas que procuravam abordar os fenômenos que hoje compreendemos sob esses termos. Apresentamos de forma resumida uma progressão temporal do *mesmerismo* ou *magnetismo animal*, técnica terapêutica do século XVIII que buscou acomodar na ideia de *rapport magnético* os elementos envolvidos na relação interpessoal e que determinavam o processo de cura, ao início da psiquiatria moderna e da psicologia como disciplina autônoma e que correspondem ao quadro de referência para a formação inicial de Jung.

Abordamos o contexto fornecido pelo ambiente profissional do início de carreira de Jung, no qual desenvolveu seus trabalhos psiquiátricos: o Hospital Burghölzli dirigido por Eugen Bleuler, grande referência para Jung, com o qual desenvolveu seus estudos sobre *demência precoce* e contribuiu para sua denominação de esquizofrenia. Mostramos que Bleuler também tinha uma compreensão própria sobre o *rapport* e as formas de estabelecê-lo e como este foi o contexto no qual Jung trabalhou os anos iniciais de sua carreira. À medida que nos aprofundamos na formação profissional de Jung, reconhecemos a importância de referências específicas que transparecem em seus trabalhos e dedicamos um tópico do capítulo às influências do trabalho de Pierre Janet sobre o siúço. Mantendo o foco sobre a questão da transferência, destacamos um trabalho em específico de Janet sobre *influência sonambúlica* para investigar possíveis ecos na visão de Jung.

O segundo capítulo é dedicado à relação de Jung com Freud e com a instituição da psicanálise como campo de conhecimento e movimento psicológico. Fizemos uma pequena incursão na formulação de Freud sobre a noção de transferência e destacamos a colaboração de Sándor Ferenczi para a discussão. O estabelecimento do conceito freudiano ocorreu em período de grande colaboração entre Freud e Jung, que pôde acompanhar de perto esse processo, apesar dos vestígios apagados de suas possíveis contribuições.

Após anos de colaboração, Jung passa a explicitar suas críticas à teoria psicanalítica, apresentando compreensões alternativas e as assimilando ao movimento psicanalítico. Discordâncias que pudemos acompanhar no contexto reservado da correspondência entre ele e Freud, como a questão do caráter sexual da libido, do complexo de Édipo e do tabu do incesto ganharam corpo com os estudos e mais maturidade profissional.

O terceiro capítulo trata de quando Jung apresentou sua concepção da teoria psicanalítica, cavando o rompimento com o movimento e traçando algumas bases do seu trabalho posterior. Apresenta também um fechamento desse recorte temporal que fizemos sobre a obra, com Jung se apropriando do próprio trabalho com uma abordagem nova, com um estudo preliminar sobre tipologia psicológica, a partir da qual ele relativiza o conceito de transferência e passa a sinalizar o uso do conceito em seu termo freudiano. O estudo da tipologia aparece como uma tentativa de Jung de pensar uma psicologia que conciliasse atitudes psicológicas opostas de se relacionar com o objeto.

Por fim, temos uma discussão sobre os elementos significativos desse percurso, em que refletimos sobre o modo de Jung de criar seus conceitos e produzir suas teorizações em relação com outros pensadores e campos, assim como falamos das limitações próprias ao recorte deste período específico, e sobre o papel de sua revisão do conceito de libido na sua visão sobre a transferência.

1. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE C. G. JUNG

Jung foi um jovem leitor de interesses extensivos, que passavam pela literatura clássica, filosofia, teologia e espiritismo. Enquanto cursava medicina na Universidade de Basileia, de 1895 a 1900, integrou a Sociedade Estudantil Zofingia, na qual participou de debates intelectuais, principalmente quando o assunto era filosofia, psicologia ou ocultismo, tendo familiaridade com as leituras sobre magnetismo animal e espiritualismo de sua época. Suas experiências pessoais com fenômenos anômalos e eventos inexplicáveis mantiveram vivo o interesse pela exploração das realidades psicológicas. Com o processo de formação, foi descobrindo formas de abordá-las cientificamente (Ellenberger, 1970; Hannah, 2003).

Entre os meios de obter o conhecimento da alma estavam o estudo do sonambulismo, da hipnose e das manifestações espíritas. O espiritismo, para Jung, não era uma questão de ocultismo, mas de fenômenos psíquicos desconhecidos que precisavam ser investigados com métodos científicos adequados. De modo que, quando entrou no Hospital Burgholzli em dezembro de 1900, tinha referências bastante definidas sobre psicologia (Ellenberger, 1970; Hannah, 2003). A seguir, começamos a reconstituição do plano de fundo intelectual referente aos fenômenos intrínsecos às relações terapêuticas, ao qual Jung se insere com sua formação e escolha pela psiquiatria.

1.1 Antecedentes Históricos das Origens Teóricas da Transferência

Acompanhando o processo histórico de desenvolvimento da psiquiatria e psicoterapia psicodinâmicas, vemos que os primórdios da compreensão moderna de transferência podem ser encontrados nos movimentos de mesmerismo e magnetismo animal dos séculos XVIII e XIX, apesar de compreensões anteriores existirem há milênios antes de Mesmer. Nos Antigos Egito, Grécia e Roma havia, por exemplo, templos em que a cura se dava pela expectativa dos doentes, por toques das mãos ou “passes”, em que as mãos do sacerdote se aproximavam da área doente e por onde era transmitida a cura. Médicos, químicos e filósofos precursores de Mesmer já tratavam da importância da imaginação e da crença na etiologia de doenças, assim como acreditavam na influência de forças externas como o magnetismo dos astros e dos metais na mente e no corpo das pessoas, e reconheciam a influência das relações interpessoais e suas formas na saúde dos doentes (Chertok, 1968; Ellenberger, 1970; Gravitz, 2004).

Havia pontos de vista que consideravam que as pessoas tinham uma força natural de influência que era similar ao magnetismo mineral, ou um “espírito vital”, ou ainda uma eletricidade presente em todas as criaturas vivas, quando Franz Anton Mesmer (1734-1815) desenvolveu uma teoria sobre o magnetismo animal que propunha que dentro de cada pessoa havia um fluido magnético que regulava a saúde do indivíduo. Se este fluido físico era desbalanceado, a pessoa adoecia. Então, Mesmer propunha um realinhamento desse fluido magnético na intenção de recuperar a saúde do doente. Inicialmente, ele usava minerais magnéticos no corpo do sujeito para balancear tal fluido – como era proposto por antecessores seus. Posteriormente, passou a acreditar que seu próprio corpo saudável agia como uma força magnética e dispensou o uso de minerais. Passou, então, a considerar a importância da interação subjetiva entre ele e o paciente e, por fim, defendeu que o magnetismo animal era transmitido através dos sentimentos e que apenas pelo sentimento sua teoria poderia ser compreendida. Na crença de que a cura acontecia pela passagem do fluido magnético saudável do médico para o paciente, reconheceu a importância da interrelação dos envolvidos e adotou o termo *reciprocidade magnética*, compreendendo implicitamente que o fluxo era bidirecional.

Além disso, Mesmer reconheceu outra força operando na relação entre magnetizador e paciente e a nomeou de *rapport*, pegando o termo da ciência física da época que se referia à atração entre os corpos naturais e à teoria de que uma energia física era transmitida quando as pessoas se tocavam. Apesar de ser uma terapia concebida para ser física, o magnetismo animal de Mesmer tinha um evidente componente psicológico subjacente. A teoria de Mesmer não mostrou ter base científica, de modo que as curas atribuídas poderiam ser compreendidas a partir da sugestão, facilitada pelo afeto e relacionamento interpessoal. No entanto, apesar de reconhecer os componentes afetivos interpessoais do magnetismo animal, o mesmerismo se concentrava no processo físico e seu criador rejeitava a noção de “cura pela mente” (Gravitz, 2004).

O contato físico era típico às técnicas mesmeristas e, pela proximidade física e seus riscos morais, a Academia Real Francesa de Ciências passou a investigar o mesmerismo, concluindo posteriormente que aspectos submissos e erotizados inerentes ao magnetismo animal preparavam o sujeito para aceitar as sugestões terapêuticas do magnetizador. Por isso, o relatório final da Academia concluía que o tratamento magnético era um risco à saúde e moralidade públicas. Os neo-mesmeristas, discípulos diretos ou indiretos de Mesmer, foram gradualmente descartando o contato físico e a necessidade de “crises magnéticas” para o tratamento, na medida em que passaram a enfatizar a interação verbal e o relacionamento

com o sujeito. Apesar de alguns dos primeiros teóricos acreditarem no afeto erotizado inerente ao magnetismo animal, nem todos os magnetizadores concordavam com essa relação intrínseca. Havia também magnetizadores que defendiam um *rapport harmônico*, que seria um laço não erótico que facilitava o tratamento. Ou ainda a *simpatia*, um poderoso laço baseado na eletricidade própria a cada indivíduo que, quando se instalava entre duas pessoas, era como se elas se tornassem uma só (Gravitz, 2004). A crença num fluido físico também foi gradualmente sendo descartada em favor de fatores emocionais e “imaginativos” – psicológicos.

O termo *rapport*, adotado por Mesmer, foi passado às gerações seguintes de magnetizadores e hipnotizadores, enquanto era desenvolvido e aperfeiçoado, até o início do século XX, quando é considerado um fenômeno psicológico. O impulso dado por Mesmer possibilitou que as descobertas de seus discípulos fossem integradas, um século depois, à neuropsiquiatria de Jean Martin Charcot e seus contemporâneos. Ellenberger (1970) apresenta o que chamou de “Primeira Escola de Psiquiatria Psicodinâmica (1775-1900)” a partir de características gerais, dentre as quais estava o hipnotismo como a abordagem principal e *via régia* de acesso ao inconsciente, tendo abordagens suplementares adicionadas ao longo do tempo ou pelas diferentes vertentes da época. Deste modo, a psicoterapia baseava-se principalmente no uso de hipnotismo e sugestão, “com consideração especial dada ao *rapport* entre o paciente e o magnetizador”⁶ (p. 111, tradução nossa). O *rapport* passa a ser compreendido como o canal da ação terapêutica.

Apesar de a noção de *rapport* ter sido presente e esclarecida no início do século XIX, foi um tanto esquecida posteriormente e nem Charcot nem Bernheim dedicaram atenção à ela. Com o conceito de sugestão, os magnetistas foram sucedidos na segunda metade do século XIX pelos hipnotizadores, imbuídos de positivismo e pouco dispostos a dar atenção a considerações emocionais. A sugestão assumiu importância central na tentativa de explicar o magnetismo, alterando-lhe algo do status “científico”, substituindo-o pela hipnose e posteriormente superando esta. Com o foco na sugestão enquanto “influência de ideias”, a relação hipno-sugestiva foi sendo despersonalizada, um processo que Chertok (1968) interpretou como uma maior resistência do terapeuta a assumir um papel nessa relação. Não se levantava a questão sobre o que poderia realmente estar por trás da sugestão.

Até uma renovação do interesse, por volta de 1885, quando alguns estudiosos, dentre eles Pierre Janet, tentavam compreender o mecanismo da sugestão e para isso focaram no

⁶ “with special consideration given to the *rapport* between patient and magnetizer”

relacionamento entre hipnotizador e hipnotizado. O que é digno de nota, uma vez que Ellenberger (1970) destaca que a grande falha do hipnotismo era que, desde o início, os hipnotistas não conseguiram compreender toda a implicação do relacionamento que estabeleciam com os pacientes. Em 1896, Janet apresentou no Congresso Internacional de Psicologia, em Munique, uma teoria profundamente elaborada sobre rapport e influência sonambúlica (hipnótica). Neste trabalho, Janet explica a influência como uma variedade peculiar de sentimentos em relação ao hipnotizador misturados com a necessidade do paciente de ser orientado, que poderia ser usado pelo hipnotizador como uma poderosa ferramenta terapêutica. Um ano depois, ele expande o trabalho e o publica em um periódico. Ellenberger (1970) o considera uma nova elaboração sobre o antigo conceito de rapport.

Sobre os ombros da “primeira escola psicodinâmica”, apoia-se Carl Gustav Jung, e seus contemporâneos, inserindo-se no desenvolvimento histórico dessas correntes psiquiátricas ao começar sua carreira no Hospital Psiquiátrico Burghölzli, em 1900.

1.2 O Hospital Burghölzli

O Hospital Burghölzli, sob a direção de August Forel (1848-1931) de 1879 a 1898, introduziu as práticas de hipnose e sugestão para fins terapêuticos e experimentais. Isso se deu após Forel conhecer o trabalho de Bernheim e sua escola em Nancy, que promoviam o uso terapêutico destas práticas, assim como outras psicoterapias. A esta época, hipnose, sugestão e psicoterapia eram tratadas como sinônimos (Shamdasani, 2005b) e a literatura sobre sugestão e hipnotismo acomodava uma variedade paradoxal de descrições e interpretações sob o termo guarda-chuva “sugestão”. Forel alcançou o posto de direção do hospital graças a seus estudos no campo da anatomia cerebral e inicialmente tinha uma postura organicista, mas esta foi se modificando à medida que empreendia sua reforma no funcionamento do Hospital, e veio a se tornar um dos maiores especialistas nos métodos hipno-sugestivos. Ellenberger (1970) acredita que a descoberta da hipnose foi um dos fatores que levaram Forel a compreender que o sucesso da terapia residia na atitude pessoal do terapeuta. O outro fator seria sua postura pessoal de abstinência ao álcool para conseguir tratar o alcoolismo de seus pacientes.

Eugen Bleuler (1857-1939), que substituiu Forel na direção do hospital, assumiu a direção do Burghölzli em 1898, após 12 anos de intensa experiência no Hospital Mental de Rheinau. Na época em que o assumiu, este era considerado o mais atrasado da Suíça e

Bleuler aceitou a tarefa com a intenção de reabilitar o local. Seu background social e político fez com que Bleuler assumisse uma postura extremamente comprometida e engajada na rotina de seus pacientes, estabelecendo um contato emocional (*affektiver rapport*) próximo com cada um deles que o permitiu compreendê-los e ser compreendido. A falta de universidade em regiões onde os filhos dos camponeses pudessem concluir seus estudos levava à contratação de médicos de outras regiões para os hospitais afastados dos centros urbanos. Era comum que esses médicos se comunicassem com os pacientes em alemão, mas desconhecessem o dialeto de origem destes, ou mesmo da região de cobertura do hospital. A compreensão mútua era um problema ao qual Bleuler se atentou antes mesmo de se tornar médico. Conversando com os pacientes em seu dialeto natal e estabelecendo esse relacionamento afetuoso, Bleuler chegou a uma compreensão única da vida psicológica de seus pacientes que serviu de base para suas teorizações sobre a esquizofrenia. Essa abordagem clínica do *rapport afetivo*, Bleuler levou consigo para o Burghölzli, onde introduziu também os testes psicológicos da época (Ellenberger, 1970). Além disso, o psiquiatra tinha sua própria compreensão sobre a sugestão e criticava a definição de Bernheim, considerando-a muito ampla. Em sua definição, subsumiu a sugestibilidade dentro da afetividade e criticou uma essência comum às várias práticas de hipnotismo, considerando que as condições para a hipnose variam a cada pessoa e situação. E, na hipnose, especialmente sob o conceito de sugestão, ele via bases sólidas para demonstração e comprovação do inconsciente, que possibilitaria a criação de uma patologia das funções psíquicas e uma fundamentação científica para a psicoterapia. Apesar das tentativas e benefícios terapêuticos, a utilização da hipnose mantinha também um interesse principalmente experimental (Shamdasani, 2001).

Foi também Bleuler, em 1904, que introduziu no Burghölzli a psicanálise – ou o que se desenvolvia sob esse nome à época (Shamdasani, 2012). Nesse contexto, a psicanálise era uma adição ao repertório de técnicas de hipnose e sugestão, compreendida da mesma forma: uma técnica auxiliar incorporada às concepções e práticas institucionais preexistentes (Shamdasani, 2001). E foi neste hospital que C.G. Jung ingressou como médico assistente no final do ano de 1900. Em seus trabalhos nos primeiros anos de hospital, podemos ver sua utilização da hipnose e da sugestão em pesquisas psicológicas nas quais elaborava considerações que o acompanharam ao longo de toda a carreira – especialmente quanto à sugestão. Em 1902, por exemplo, publica sua tese, reconhecendo o alcance da sugestão ao observar que esta dependeria de alguma receptividade na pessoa hipnotizada, alguma “possibilidade psicológica” preexistente (Jung, 1902a/2011). Em outro trabalho deste

mesmo ano, ele demonstra sua hipótese de que existiria uma orientação inconsciente que subjaz em estados crepusculares, usando técnicas de Janet e de Forel (Jung, 1902b/2011).

À época, a principal ferramenta de pesquisa e terapia psicológica era a hipnose; o principal fenômeno psicológico de interesse era o sonambulismo e seus estados alterados, dos quais a personalidade múltipla e o espiritualismo eram variedades; e o distúrbio psicológico mais estudado era a histeria. Assim, a compreensão de psicologia de Jung partia do que Haule (1984) chama de “herança francesa”: a psicologia francesa dos estados dissociativos do século XIX, contexto intelectual psicológico do qual eram expoentes Theodore Flournoy, Pierre Janet, Alfred Binet, mas também anglo-americanos como William James, Morton Prince e Frederic Myers. A referência aos francófonos é preponderante nos primeiros e principais trabalhos de Jung neste início de carreira como psiquiatra (Shamdasani, 1998).

1.3 Uma Herança Francesa⁷: Flournoy e Janet

A psicologia francesa da dissociação compreendia os fenômenos psíquicos por seus aspectos de co-consciência, ou estados alternativos de consciência, que vinham à tona pela fragmentação da consciência e apregoava uma noção de que ideias e imagens tendem a se combinar em núcleos significativos, agregadas de forma a constituir uma personalidade própria. Em vez de seguir uma causalidade mecanicista, a agregação de ideias seguiria um princípio teleológico, segundo o qual os fatos psíquicos se agregam de modo a harmonizar e cooperar uns com os outros em direção a um objetivo comum ou a objetivos compatíveis que podem compor um sistema. Seguindo essa linha, um fenômeno psíquico tende a banir de vista os fenômenos psíquicos que não podem ser assimilados no interesse de um objetivo comum. Além disso, um estado psíquico tende a ser acompanhado ou seguido por um outro que se opõe a ele ou que, pelo menos em alguns aspectos, é seu contrário. A imagem que orientava essa agregação seria, portanto, a de personalidades múltiplas, uma imagem de longa tradição terapêutica e a qual a escola francesa da dissociação explicava satisfatoriamente ao descrever como surgiam as subpersonalidades, a animosidade entre elas e sua alternância ou aparecimento simultâneo na consciência e no comportamento do indivíduo (Haule, 1984; Monahan, 2009).

⁷ Referência ao idioma - autores francófonos da França, mas também da região francesa da Suíça.

Theodore Flournoy (1854-1920), professor da Universidade de Genebra, foi um expoente do trabalho rigoroso nos estudos dos fenômenos espiritualistas, demonstrando a origem psicológica de vários deles. Para isso, tinha por princípio evitar qualquer tipo de hipótese explicativa que recorresse à metafísica. Conseguiu, por exemplo demonstrar a ocorrência dos fenômenos mediúnicos motivados por memórias subliminares, o que denominou “criptomnésia”. Também conseguiu determinar a origem de algumas mensagens alegadamente espirituais como sendo processos inconscientes do sujeito. Além disso, compreendeu as subpersonalidades mediúnicas como automatismos teleológicos que surgem de uma potencialidade ainda não consciente. O caráter teleológico, assim como o criativo, dos fenômenos psíquicos foi uma proposição de Flournoy que reverberou consistentemente no trabalho de Jung (Martinez et al., 2021).

Subjacente aos processos subliminares, Flournoy investigou várias funções do inconsciente, destacando-as em *criativa*, em que a atividade subconsciente era a expressão de uma criatividade natural e espontânea; *protetiva*, em o subconsciente fornece aviso, consolação, ou forma de se restabelecer diante de um erro; *compensatória*, como quando as fantasias subliminares realizam desejos compensatórios à realidade da consciência; e *lúdica*, que se manifesta nos romances mediúnicos (Ellenberger, 1970). A partir destas funções, Flournoy postulou a existência de “componentes não patológicos e criativos do subconsciente e enfatizou que a atividade automática, como as produções dos estados de transe dos médiuns, não precisa ser inferior à atividade voluntária” (Shamdasani, 1998, p. 118).

Seu trabalho, *Des Indes à la Planète Mars*⁸, publicado em 1900, teve tamanho impacto sobre Jung que este quis fazer a tradução para o alemão. Shamdasani (1998) destaca que se isso tivesse acontecido, teria sido a primeira publicação de Jung, o que demarca a época a que Jung teve acesso a esses trabalhos em sua formação. Neste trabalho, Flournoy elencou suas principais referências teóricas: Pierre Janet e sua teoria da *dissociação* mental; o *duplo-ego* de Dessoir; os *estados hipnóides* apresentados por Breuer e Freud em seus estudos sobre histeria; e o conceito de *consciência subliminar* de Frederic Myers. Por essa via, Flournoy teve impacto direto no trabalho de Jung fornecendo uma forte inspiração para uma abordagem neutra dos fenômenos psíquicos, mas, também, indireto ao mediar seu

⁸ Não trabalhamos diretamente com a obra de Flournoy, por escapar ao foco do presente trabalho. Ao leitor interessado: Flournoy, T. (1900). *Des Indes à la Planète Mars: étude sur un cas de somnambulisme avec glossolalie*. Paris: Félix Alcan. Ou: Flournoy, T. (1900/2008). *From India to the Planet Mars: a study of a case of somnambulism with glossolalia*. London: Forgotten Books.

acesso à psicologia francesa, influenciando a forma de Jung assimilar o trabalho desses outros pesquisadores.

A tese de Jung, publicada em 1902, foi organizada em torno do trabalho de Flournoy e, nela, Jung considera que as fantasias mediúnicas da adolescente estudada tinham um papel importante em seu desenvolvimento – um reconhecimento do componente teleológico da fantasia comum à época e representado pelo suíço de Genebra. Em uma resenha ao trabalho de Jung, Flournoy elogia a iniciativa, pelo que ela representa no campo científico alemão da época, e seus resultados, ao demonstrar os fenômenos sonambúlicos e de dupla consciência em uma perspectiva teleológica, na qual expressam transformações e irrupções da personalidade futura através dos obstáculos que se opõem ao desenvolvimento normal (Shamdasani, 1998).

Em 1902 a 1903, Jung foi a Paris estudar um semestre com Pierre Janet (1859-1947) no Collège de France. Os estudos de psicologia de Pierre Janet fundamentaram boa parte da teoria da dissociação encontrada no trabalho de Jung. Mas, vale aqui trazer o esclarecimento de Shamdasani (1998) de que a visão de Jung do trabalho de Janet teria sido *modificada* por Flournoy. O suíço de Genebra falava de forma intercambiável sobre o subconsciente e o subliminar. Ao fazer isso, enquanto o uso do termo *subliminal* denota uma continuidade com o uso feito por Myers⁹, ele expande enormemente o significado em relação à linguagem de Janet, que utiliza o termo *subconsciente*. Ademais, sua postulação de componentes não patológicos e criativos do subconsciente diferia da visão de Janet, para quem a dissociabilidade da psique carrega um caráter patológico contra o qual as atividades de síntese devem funcionar, considerando os automatismos como atividades inferiores. Para Flournoy, os processos subconscientes não precisam ser considerados inferiores às atividades voluntárias (Shamdasani, 1998).

O francês, que utilizou a hipnose como ferramenta de investigação e também terapêutica por considerá-la uma forma de dissociação, é um fundador quase sempre esquecido da tradição dinâmica em psicologia (Haule, 1986; Brown et al., 1996; Ellenberger, 1970). Em seus estudos sobre os automatismos psicológicos, Janet ordenou as atividades mentais entre atividades de síntese, que caracterizam o campo da consciência associado à ideia de eu, e atividades automáticas, que estavam associadas a um problema na síntese psicológica e que acarretava na dissociação da consciência. As operações psicológicas

⁹ Frederic W. H. Myers (1843-1901), expoente da psicologia subliminal junto de Flournoy e integrante do contexto intelectual de estudos dos processos que residem além da fronteira da consciência ordinária.

normais são caracterizadas pela síntese e pela associação, que concorrem com a dissociabilidade dos complexos mentais. A dissociação ocorre quando um elemento psicológico, como uma memória, uma sensação ou um movimento, não pode ser sintetizado à percepção pessoal e seu campo consciente, podendo continuar a existir fora dele. Fora do campo consciente normal, aquele elemento pode levar uma existência autônoma, agregando-se em grupos de fenômenos, e atuando sobre o campo consciente. Inicialmente, a desagregação é consequência de uma fraqueza de síntese (Blaser, 2015). Posteriormente, Janet a vincula ao rebaixamento do nível de tensão psicológica, necessária para sustentar o processo de síntese mental que caracteriza o campo consciente e a capacidade de agir sobre e a partir dele. Se essa tensão era rebaixada por alguma razão, ocorriam os sintomas de neurose (Haule, 1984).

Enquanto desenvolvia sua teoria geral da dissociação, Janet se dedicou a falar sobre o *rapport magnético*. Haule (1986) acredita que a aridez dos relatos de Janet atrapalha perceber sua sensibilidade ao *rapport* e seus efeitos em suas pacientes, mas que são muitos os exemplos em que essa sensibilidade aparece, demonstrando que Janet levava o *rapport* em consideração em seus casos. Ao longo de seus estudos, ele descreve o *rapport* como "eletividade", "adoção" e "influência". *Rapport*, nesse período inicial da carreira de Janet, era visto como uma espécie de "alucinação negativa" que excluía tudo, menos o hipnotizador. No vazio sensorial gerado pela dissociação em que o histerico ou "sonâmbulo" se encontrava, o mecanismo dissociativo elegia a pessoa do hipnotizador. Janet também compreendia o sucesso da terapia sugestiva não em termos de intensidade da sugestão, mas sim da qualidade do comando estar vinculado à pessoa do hipnotizador.

Muito sobre a sugestão ainda precisava de esclarecimento e Janet buscou compreendê-la a partir da "influência sonambúlica". *Influência sonambúlica* era como Janet se referia ao processo hipnótico. Antes de 1900, Janet via o *sonambulismo* como a condição essencial, da qual a histeria, a hipnose, a personalidade múltipla e o espiritismo eram variações. A palavra *sonambulismo* teve sentido expandido para incluir qualquer tipo de atividade praticada durante uma condição dissociada. O *sonambulismo* era entendido como um fenômeno pelo qual dois ou mais estados de consciência, dissociados por uma fenda de amnésia, operam com aparente independência um do outro. A histeria era uma forma patológica de sonambulismo em que a dissociação aparece autonomamente por motivos neuróticos e de forma a perturbar adversamente a vida cotidiana do indivíduo. A hipnose era "sonambulismo artificial", dissociação induzida por um hipnotizador para fins experimentais ou terapêuticos, uma imitação deliberada da histeria. A personalidade múltipla era uma

condição sonambúlica em que dois ou mais estados dissociados são notavelmente distintos em comportamento, humor e intenção, e em que um ou vários dos estados são amnésicos para um ou mais outros. Na hipnose, o hipnotizador tenta manipular a condição sonambúlica, a dissociação, para ter alguma "influência" sobre ela (Haule, 1986).

Janet se dedicou a compreender a influência hipnótica a partir de um estudo minucioso do *rapport* em seu trabalho *L'influence somnambulique et le besoin de direction*, desenvolvendo o que Haule (1986) e Ellenberger (1970) compreendem como uma primeira teorização sobre o que seria chamado por Freud de "transferência". Este trabalho foi apresentado pela primeira vez em 1896, no Congresso Internacional de Psicologia de Munique, revisado e publicado em 1897 na *Revue Philosophique de la France et de l'Étranger*, e ligeiramente modificado como capítulo para o livro *Névroses et Idées Fixes: I* em 1898. Nele, Janet (1897) descreve e analisa a fenomenologia do *rapport magnético*, caracterizando-o discriminando estados psicológicos típicos e suas dinâmicas, a fim de compreender os fenômenos relacionados a essa relação peculiar. Dentre a riqueza deste trabalho, seu mérito foi explicar como o que produz a influência hipnótica e sugestiva, e seus efeitos terapêuticos, é a ideia que se forma nos pacientes acerca de seu hipnotizador¹⁰.

Janet (1897) observou que, ao se conduzir recorrentemente um sujeito a um estado hipnótico, forma-se um certo pensamento relativo à pessoa que o conduziu, com características particulares. Os sentimentos podiam variar e aparecer como sentimento filial, respeito, medo, sentimento materno, ou mesmo sentimento de antipatia, mas na maioria das vezes, os sujeitos se sentiam apequenados, como "crianças na frente de pais mais velhos" (p.126). Este *pensamento do hipnotizador*, ou a ideia do hipnotizador que se forma para o sujeito, desempenha papel considerável na influência, pois determina sentimentos especiais, dirige a conduta do sujeito, inibe *ideias fixas* e leva indiretamente a melhoria da saúde, do desenvolvimento da inteligência e da vontade do sujeito, acompanhando todo o período de influência e desaparecendo com ele, caracterizando-o. A influência se modifica quando o pensamento do hipnotizador não determina mais os sentimentos, tornando-se frio e banal. Sem afeto, não há mais influência. A veneração passiva desaparece e o sujeito volta a um estado patológico.

Para compreender a influência exercida pela ideia do hipnotizador, Janet (1897) observa que os fenômenos do *rapport* aparecem também em grupos que não passaram por hipnose e sugestão. E propõe a *necessidade de direção* ("*besoin de direction*") como uma

¹⁰ "*la pensée persistente de l'hypnotiseur*" (Janet, 1897, p.125)

característica dos neuróticos, mas também dos sujeitos normais. Essa *necessidade de direção* – e uma conseqüente disposição para *obedecer, seguir, ser dirigido* – seria um fato psicológico que subjaz ao *rapport magnético* e que existe em maior ou menor grau nos indivíduos, mas é intensificada nos neuróticos. Os neuróticos sendo caracterizados pela sua abulia, estagnados diante de um desafio adaptativo, teriam como fundamento de sua indecisão paralisante a *necessidade de direção* quando precisam que um outro sujeito tenha por eles a vontade e a capacidade de síntese psicológica que eles não têm para superar o impasse adaptativo.

Ao comparar fenômenos do *rapport* com sentimentos normais da vida, Janet (1897) defende que sejam reconhecidos em sua peculiaridade como um tipo próprio:

São amores singulares que se desenvolvem regularmente e em tempos fixos em tantos doentes tão diferentes uns dos outros, tanto nos velhos como nos jovens, tanto nos homens como nas mulheres. Esses sentimentos desenvolvidos tão rapidamente desaparecem periodicamente e depois reaparecem à vontade. Se quisermos absolutamente incluir esses fenômenos no grupo dos sentimentos afetivos, devemos ao menos admitir que são amores de um tipo muito especial¹¹ (p. 134).

Na perspectiva do autor, os sentimentos sociais, como amor, amizade, necessidade de sociedade são complexos e compostos por elementos diversos e seria um exagero ligá-los apenas a instintos sexuais. Ele sugere que a sociabilidade é influenciada também por outros fatos psicológicos, como essa necessidade de obedecer. A vida não pode ficar muito tempo sem modificações, pois o tempo sempre traz novas situações e exige novas adaptações. A própria continuação da atividade consciente requer uma atividade contínua de síntese e criação. Na incapacidade de produzir sínteses próprias a que possa seguir, essa necessidade que o sujeito tem de *seguir* é direcionada a quem faça essas novas sínteses por ele com ele. E desse fato psicológico deriva-se aquele apego na forma de sentimentos variados, mas um tanto quanto típicos. Além disso, Janet considera um relacionamento desse tipo indispensável para a cura. Na versão do texto de 1898, Janet acrescenta a afirmação:

Mas, de minha parte, não vi sintomas histéricos graves e duradouros serem curados sem uma educação do sujeito na qual esses fenômenos de influência ocupam um

¹¹ “Voilà de singulières amours qui se développent régulièrement et à heure fixe chez tant de malades si différents les uns des autres, chez des personnes âgées comme chez les jeunes, chez les hommes comme chez les femmes. Ces sentiments développés si rapidement disparaissent périodiquement pour réapparaître ensuite à volonté. Si l'on veut absolument faire rentrer ces phénomènes dans le groupe des sentiments affectueux, il faut au moins avouer que ce sont des amours d'une espèce toute particulière”.

lugar preponderante; e os sujeitos que não apresentam tais fenômenos de influência não conseguem transformar-se profundamente¹² (1898, p. 452).

O que nos leva a outro ponto importante nesse estudo, que são suas recomendações para o trabalho terapêutico. Para ele, o médico deve ter dois objetivos simultâneos aparentemente contraditórios:

1º) ele deve assumir a direção completa da mente do paciente, acostumando-o a se submeter a uma autoridade, a viver constantemente sob uma influência externa; 2º) é necessário reduzir ao mínimo esta dominação e gradualmente ensinar o paciente a prescindir dela¹³ (Janet, 1897, p.141).

Se o primeiro ponto for negligenciado, as curas obtidas podem ser surpreendentes e apelativas aos observadores, mas temporárias. Se o segundo ponto for negligenciado, os fenômenos de dependência de mais sessões e orientação aumentam a um ponto que torna o tratamento inviável. Janet considerava o tratamento psicológico como “uma educação do espírito”¹⁴ (Janet, 1897, p.141) e por essas recomendação, compreende-se que visava que o paciente, com a ajuda da figura do profissional, “aprendesse a ser dirigido” ao mesmo tempo em que “aprendesse a dirigir a si mesmo”, à medida que os próprios poderes de síntese mental e autodireção se desenvolvessem. A *necessidade de direção*, como uma espécie de causa primária do rapport, para Haule (1986) mostra sua ambiguidade na recomendação de Janet, pois, se por um lado, nenhuma cura é possível sem a relação que ela possibilita, por outro lado, a própria necessidade de ser dirigido seria um sintoma de neurose .

Além disso, amplia sua observação psicológica da *necessidade de direção* ao contexto social mais geral, apontando as pessoas que não conseguem ter autonomia e precisam ser sempre comandadas ou acompanhadas de perto, ou que só conseguem imitar ou seguir o que alguém já faz ou propôs. Tratam-se daquelas pessoas que não sabem o que fazer de si mesmas, sendo inclusive também incapazes de "se divertir" sozinhas, precisando sempre de companhia de brincadeira, não pelo prazer da socialização, mas para que saibam pelo que se interessar e como se ocupar. Para Janet (1987), divertir-se sozinho é uma marca de força de espírito e vontade. E parece uma perspicaz observação sobre a disposição criativa

¹² “Mais pour ma part je n'ai pas vu guérir des accidents hystériques graves et de longue durée sans une éducation du sujet dans laquelle ces phénomènes d'influence occupent une place prépondérante et les sujets qui ne présentaient pas ces phénomènes d'influence ne parvenaient pas à se transformer profondément”.

¹³ “1º il faut prendre la direction complète de l'esprit du malade, l'habituer à subir une autorité, à vivre constamment sous une influence étrangère; 2º il faut réduire celte domination au minimum et apprendre peu à peu au malade à s'en passer”.

¹⁴ “une éducation de l'esprit”.

que a atividade de síntese psicológica requer. As sínteses, que permitem ao sujeito se adaptar ao mundo em constante mudança, são emprestadas de outros pois faltam a esses sujeitos dependentes, sejam tidos como normais ou como neuróticos. Questiona-se mesmo se "não são a imagem ampliada do homem que permanece criança e que nunca tem força suficiente para se dirigir?"¹⁵ (p. 143).

Essa questão da *necessidade de direção* e suas implicações psicológicas leva Janet a especular se a divisão psicológica entre fenômenos do automatismo e fenômenos de síntese não apareceriam amplificados na sociedade como diferentes categorias de pessoas: as dependentes e as autônomas. Por fim, ele reconhece a importância desse fato psicológico como elemento das relações sociais e das origens da dependência e hierarquia (Janet, 1897). Segundo Haule (1986), Janet chega a considerar a permanência da necessidade de orientação como sinal de que a neurose não foi superada e isso seria explicado pela "falta de vontade" do paciente. Debruçando-se sobre essa ideia de "falta de vontade", conceituou-a e desenvolveu sua teoria da psicastenia¹⁶.

É importante ressaltar que, apesar da influência da obra de Janet para a obra de Jung, este se referenciou mais precisamente aos primeiros trabalhos do francês. Jung cita apenas as principais de suas primeiras obras e sua última referência foi à obra *Les névroses*, de 1909. Os interesses e a abordagem de Janet mudaram com a virada do século¹⁷. No entanto, Monahan (2009) destaca que a divergência provavelmente mais significativa diz respeito à posição janetiana em seu primeiro livro. Precisamente, sobre a natureza patológica da dissociação. Ao concentrar seu argumento na tensão psicológica e na força ou fraqueza desta como marcadores de neurose, Janet assumiu as dissociações da psique como patológicas, invariavelmente. Jung, por sua vez, discordava ao considerar a dissociabilidade da psique um fenômeno normal e universal, assim como outros contemporâneos de Janet, como Bernheim e a escola de Nancy (Monahan, 2009).

Em sua temporada na França, em 1902, Jung teve contato direto com o trabalho de Janet sobre a hierarquia das funções mentais. O francês postulou níveis funcionais de atividade psicológica, indo das funções superiores às inferiores de acordo com a tensão

¹⁵ ne sont-ils pas l'image amplifiée de l'homme qui reste enfant et qui n'est jamais assez fort pour se diriger tout seul?

¹⁶ Termo em desuso, *psicastenia* foi utilizado por Janet para discriminar as neuroses caracterizadas por obsessões, manias, dúvidas e ideias fixas conscientes. Janet também chamava os neuróticos desse tipo de "escrupulosos", pois era uma característica principal a seus pensamentos (Zorzanelli, 2010).

¹⁷ Ao longo de sua carreira, Janet se distancia da tradição analítica até assumir a terapia como uma forma de *orientação moral*.

psicológica necessária para seu funcionamento. Nesta perspectiva, as funções mentais superiores exigem mais tensão psicológica e, por isso, são as primeiras a desaparecer quando o nível dessa tensão cai. Enquanto as funções inferiores demandam menos tensão psicológica e se mantém funcionando mesmo com o rebaixamento do nível mental, que pode se dar por exaustão psicológica. A anterior *fraqueza moral* passa a ser entendida em termos de *rebaixamento do nível mental*.

Ao voltar ao Burghölzli após sua temporada na França, Jung empreendeu, junto a colegas do hospital, os estudos com o teste de associações de palavras a pedido de Bleuler. Jung e Franz Riklin compreenderam os distúrbios nos testes como derivados de complexos emocionais pelo experimento e desenvolveram uma psicologia geral dos complexos. Os conhecimentos que orientaram a maior parte desses estudos partiam da psicologia francesa da dissociação e Haule (1984) defende que há muitas evidências de que, até 1907, Jung ainda lia o trabalho de Freud sob forte influência do trabalho de Janet¹⁸. Os estudos experimentais sobre os complexos, reconhecendo seu tom emocional distintivo, demonstravam que a vida psíquica de cada indivíduo se agrupa em complexos idiossincráticos que refletem eventos e períodos significativos da vida individual. Não havia, porém, nada que indicasse a sexualidade como determinante desses complexos, ao passo que se provava que as “ideias fixas” de Janet não seriam apenas patológicas.

Jung se mostrou muito bem-sucedido nas pesquisas com o teste de associação de palavras e, em 1905, foi nomeado diretor clínico do hospital, ficando abaixo apenas de Bleuler na hierarquia. Também foi nomeado chefe do serviço ambulatorial, no qual a hipnose estava sendo gradualmente substituída por outras formas de psicoterapia. Adquiriu o título de Professor livre docente da universidade, passando a ministrar cursos sobre hipnose, histeria e psicoterapia, com demonstrações (Ellenberger, 1970). Combinando uma base conceitual dos trabalhos de Flournoy e Janet com metodologias de pesquisa de Wilhelm Wundt e Emil Kraepelin, Jung desenvolveu um método clínico-experimental, que deu uma aparente possibilidade de se conduzir a psicoterapia de maneira científica. Isto lhe conferiu alguma popularidade e começou a construir sua reputação proeminente como psiquiatra (Shamdasani, 2012).

Quando Bleuler inseriu a psicanálise nas práticas da instituição, em 1904, Jung especulou alguma proximidade de seu trabalho sobre a experiência de associação com o conceito de repressão de Freud e desenvolveu esta ligação no trabalho "Psicanálise e a

¹⁸ E principalmente de Flournoy, como acrescenta Shamdasani (1998).

Experiência de Associação" (1905/2011). Com este artigo, observou que embora a psicanálise continuasse sendo uma arte difícil, o experimento de associação oferecia uma estrutura segura para encontrar dados essenciais, o que eliminava a aleatoriedade na terapia (Shamdasani, 2012). Em 1906, após publicar o primeiro volume de seus estudos experimentais, Jung iniciou sua correspondência com Freud. Enquanto suas considerações acerca da sugestão jamais o abandonaram, seu ponto de vista sobre a hipnose mudou, principalmente após sua colaboração com Freud.

Apesar de seus esforços, Freud não tinha uma reputação sólida na comunidade psiquiátrica alemã. No entanto, ao ter seus pontos de vista defendidos por psiquiatras respeitáveis, como Bleuler e Jung, passou a ser levado a sério. Sob a liderança de Bleuler e Jung, o hospital referência por suas práticas e pesquisas tornou-se o centro do movimento psicanalítico. Em 1908, foi criado o *Jahrbuch fur psychoanalytische und psychopathologische Forschungen* (Anuário para pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas), no qual Bleuler e Jung eram editores. É importante observar que, nesse estágio, a teoria psicanalítica ainda não havia adquirido a fixidez doutrinária que logo adquiriria (Shamdasani, 2012).

2. SIGMUND FREUD E A PSICANÁLISE

Nas primeiras correspondências trocadas entre Jung e Freud, podemos observar que o suíço relaciona à hipnose o trabalho que Freud vinha desenvolvendo, reconhecendo que a terapia freudiana não parecia “depender apenas dos afetos liberados por ab-reação, mas também de certas relações (*rappports*) pessoais”¹⁹ (McGuire, 1976, p.44, grifo do autor). Avaliando correspondências e textos científicos do período, Shamdasani (2001) observa a aproximação de Jung com o trabalho de Freud, em que eles discutem sobre a relação da psicanálise com a hipnose, como se Jung tratasse a primeira como mais uma técnica que se somava às outras. Isso combinaria com o contexto hospitalar do Burghölzli, segundo o qual a antecedente utilização da hipnose prepararia um terreno fértil para a implantação da psicanálise, que acrescentaria as técnicas da associação livre e do trabalho interpretativo. O pai da psicanálise, no entanto, já trabalhava para que suas proposições dispensassem as técnicas de sugestão. Em resposta à carta de Jung, Freud comenta que sua concepção de transferência “há de preencher por completo a lacuna no mecanismo de cura (sua “relação [rapport] pessoal”)²⁰ (McGuire, 1976, p.46).

Freud, que desde o início manteve a relação médico-paciente no centro de suas observações por considerá-la como campo fértil de investigação do inconsciente, reconheceu a estranheza das complicações emergentes na relação terapêutica, citando o caso de Anna O. e Breuer como marco presente muito cedo nas suas observações (Laplanche & Pontalis, 1991). Anna O. fora tratada com hipnose por Breuer e desenvolveu por ele uma dependência típica da relação hipnótica. Mas o fato de saber-se típica não impediu a profunda afetação pessoal dos envolvidos. Chertok (1968) defende que os professores de Freud – Charcot, Bernheim e o próprio Breuer – não lhe forneceram os dados necessários para a compreensão da verdadeira natureza daquela relação. Além do caso observado, Freud também teve sua experiência pessoal com a sugestão hipnótica, que apesar de curta, rendeu-lhe o episódio também marcante em que uma paciente se agarra ao seu pescoço após acordar de uma hipnose. Com isto, teria percebido que, para excluir ou pelo menos isolar, o elemento misterioso por trás da relação hipnótica, a hipnose teria que ser abandonada.

Abandonar a hipnose e elaborar uma nova técnica levou Freud a abordar os fenômenos da relação terapêutica sob outros termos. Nos *Estudos sobre a histeria*, de 1895,

¹⁹ 2J, 5 de outubro de 1906.

²⁰ 3F, 7 de outubro de 1906.

Freud lança o que seria sua primeira noção de *transferência*, entendendo-a como “falsa conexão” (1895/2016, p.424) compulsiva e ilusória, identificando-a sempre que o profissional percebe estar sendo envolvido pessoalmente no caso. Essa noção foi reconhecida por Breuer como a contribuição mais importante do estudo deles, no que Chertok (1968) reconhece o uso da transferência como uma defesa do terapeuta ante as possíveis complicações de relacionamento, permitindo-o manter certo distanciamento dentro da relação para ver o processo psicológico que se desenrolava diante de seus olhos. A essa altura, o conceito de transferência não podia ser identificado com o relacionamento terapêutico, mas tratava justamente daquela falsa ligação que substitui alguém do passado do paciente pela figura do médico, lhe atribuindo um afeto que não correspondia a este, mas àquele alguém (Bissoli, 2006).

Rabelo et al. (2017), acompanhando o processo de elaboração do conceito freudiano ao longo dos primeiros anos de psicanálise, reconhecem que a teorização freudiana da transferência ataca inicialmente diversos aspectos do fenômeno separadamente, para depois as “ilhas conceituais” coligirem numa única explicação. E esse desenvolvimento conceitual ocorreu perpassando as noções teóricas de resistência, sugestão e repetição, destacando a centralidade da transferência ao considerá-la como obstáculo e motor do tratamento. Para os autores, até 1905, existia uma noção implícita de transferência que era fragmentariamente elaborada nas observações dos fenômenos da relação analítica, articulados com as dinâmicas que Freud tentava compreender e abstrair a partir dos fenômenos. O *caso Dora* foi a formalização de uma primeira conceituação da transferência no âmbito da técnica, que desponta desses fragmentos reflexivos espalhados. Freud reconhecia o elemento suplementar da técnica que ainda precisava de esclarecimentos e que o manejo da situação analítica não se esgotaria no debate sobre a interpretação – porque até ali vigorava a ênfase na interpretação e influência *educativa* da autoridade do terapeuta para explicar o processo de cura (Rabelo et al., 2017), considerando-se ainda que ele acreditava ter anulado o efeito de sugestão ao abandonar a hipnose e adotar a associação livre como método (Freud, 1904/2016; Rabelo & Dias, 2013).

O texto “Análise Fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905 [1901])”, tinha para Freud (1905/2016) dois objetivos: complementar o livro sobre interpretação de sonhos, demonstrando a aplicação desta técnica no curso de um tratamento psicanalítico; e defendendo a sexualidade como força motriz para cada sintoma e cada expressão de um sintoma, não se limitando a uma ou outra ocasião ou ponto característico da histeria. Esta proposta parece subvertida pela consideração da transferência, que desponta como chave de

compreensão do impasse que levou à interrupção do tratamento (Rabelo et al., 2017). Ele justifica, pois, a publicação de um trabalho “fragmentário” pelo que ele revelou em seu fracasso. No Posfácio do caso analisado, Freud explica que ao tratamento de Dora havia um fator inerente que impediu que a terapia terminasse com a melhora. Resgata que resultados satisfatórios são alcançados com a tradução do material patogênico em material normal, contribuindo assim para a solução do conflito interior entre os impulsos ligados à sexualidade. Mas isso seria diferente quando os sintomas se colocam a serviço de motivos externos, como teria sido no caso de Dora, em que os sintomas não desapareceram com o trabalho interpretativo, mas depois que a relação médico-paciente tinha acabado (e, portanto, a relação transferencial rompida). Freud, então, conclui que o adiamento da cura, como a melhora, é causado pela pessoa do médico. Argumenta ainda que a cura de neuroses que ocorre em instituições, mesmo as que não usam a psicanálise, também seria por conta da transferência. A histeria não é curada pelo método, mas pelo médico. Mais precisamente pela *ligação* duradoura com o médico que usou a hipnose para livrar dos sintomas. A explicação para isso deveria estar nas “transferências” que o paciente faz regularmente para a pessoa do médico.

Durante o tratamento, a formação de sintomas seria suspensa e a neurose passaria a se ocupar da criação de um tipo especial de formações mentais, geralmente inconscientes, que ele nomeia de *transferências*. E as define como sendo novas edições, reproduções dos impulsos e fantasias que são despertados e tornados conscientes à medida que a análise avança, com a substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Explica que toda uma série de vivências psíquicas anteriores é reativada, mas não como algo passado, e sim na relação atual com o médico. Há transferências que não se distinguem no conteúdo, sendo simples reimpressões, novas tiragens inalteradas. Outras são mais engenhosas, passando pelo que ele chama de “sublimação”, em que o conteúdo é atenuado e podem se apoiar em alguma peculiaridade real da pessoa do médico ou da situação do médico – e aí já seriam edições revistas (Freud, 1905/2016).

Após essa definição, ele esclarece que a transferência é necessária e inevitável, e deve ser enfrentada como qualquer outra criação da doença. Considera que a terapia não cria a transferência, apenas a desvela, como outras coisas inconscientes, de modo que o trabalho do médico não é aumentado, uma vez que determinado impulso a ser superado pode ser relativo à sua pessoa como a qualquer outra. E afirma que lidar com essas transferências é a parte mais difícil do trabalho, superando a dificuldade do trabalho de interpretação e associação, porque aprender a interpretar sonhos, extrair pensamentos e lembranças

inconscientes pode ser menos difícil, já que o material é fornecido pelo próprio paciente. Mas a transferência não é fornecida como os outros conteúdos, mas *atuada*, produzindo inclusive obstáculos ao tratamento que se vale da técnica interpretativa – uma vez que ela influencia na compreensão da validade dos nexos construídos em análise. Freud exemplifica com situações observadas com Dora que ela, como paciente, *atuou* uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento. E foi exatamente sua incapacidade técnica diante dessas situações que o fizeram atentar para isso como uma limitação técnica que merecia toda reflexão. Tentando entender os motivos do fracasso no caso de Dora, Freud analisa retroativamente, encontrando os elementos que corroboram sua observação da intervenção da transferência.

Ao falar da transferência como algo regular à relação terapeuta-paciente, Freud explica que a diferença da psicanálise é que, enquanto em outros tratamentos são evocadas apenas transferências afetuosas e amigáveis, o tratamento analítico considera todos os impulsos, inclusive os hostis, para serem utilizados na conscientização. De modo que a transferência vai de grande empecilho ao tratamento para mais poderoso recurso dele, quando é percebida e traduzida ao paciente. Quando possível, incorporar as transferências à análise permite acesso a outros materiais, provavelmente lembranças reais que estão por trás da transferência, e torna o tratamento mais lento e menos claro, mas mais garantido contra resistências súbitas. Freud (1905/2016) também insiste na participação de fortes componentes sexuais na composição da transferência – ele vai considerar a prova máxima de que a libido é sexual, destaca o caráter de realidade e atualidade dos acontecimentos psíquicos revividos no relacionamento atual com o médico e defende que, por serem atuadas, as manifestações da transferências seriam incompreensíveis se tomadas isoladamente. Os impulsos despertados pela transferência seriam empregados para manter os sintomas e podem ser remontados às suas origens quando reativados e direcionados à figura do médico, trazendo ao manejo da transferência uma dificuldade que supera a da técnica de interpretação.

Enquanto Chertok (1968) considera que uma originalidade de Freud teria sido trazer à luz as correntes recíprocas de afeto que unem terapeuta e paciente, Ellenberger (1970) compreende que a inovação de Freud não foi introduzir as noções de “resistência” e “transferência”, mas sim a ideia de *analísá-las* como ferramenta básica da terapia. Os conteúdos subjetivos e sua interpretação são centrais também no âmbito da relação terapêutica. Para o historiador, a *transferência* conceituada pelo pai da psicanálise era uma reformulação do *rapport* hipnótico em termos de libido, uma "metamorfose tardia" dele

(Ellenberger, 1970, p. 523). O grande mérito freudiano estava na percepção da vantagem científica que poderia derivar dos aprofundamentos sobre a transferência. Chertok (1968) inclusive considera este um ponto de virada na história da psicologia. Consideramos importante destacar essa visão de Ellenberger, porque, enquanto historiador, ele põe a questão em outra perspectiva: o conceito de Freud pode ser visto como uma continuação do *rapport* em termos de história do conceito e das ideias psicológicas.

2.1 Aproximações iniciais na obra de Jung

Observando as referências feitas nos trabalhos de Jung da década de 1900, encontramos pouca menção ao *rapport* em seu sentido mais geral dos estudos com hipnose, designando tanto a relação interpessoal do paciente com o terapeuta como com o mundo externo. Quanto à *transferência* especificamente, podemos ver uma aproximação tímida e gradual a partir de seus estudos associados à psicanálise, como em seus trabalhos: “Associação, sonho e sintoma histérico”(1906a/2011); “A psicologia da *dementia praecox*: um ensaio”(1906b/2011); “A teoria freudiana da histeria”(1908/2011); “A constelação familiar”(1909/2011); “Contribuição à psicologia do boato”(1910a/2011); “Resenhas das obras psicológicas de autores suíços” (1910b/2011); “Morton Prince M.D. “The Mechanism and Interpretation of Dreams”: resenha crítica” (1911/2011).

Em “**Associação, sonho e sintoma histérico**” (1906a/2011), Jung elabora um estudo de caso com a intenção de explicar e fundamentar melhor os pontos de vista apresentados em trabalhos anteriores sobre a natureza das anomalias históricas de associação. Neste caso, ele aplica o experimento uma série de vezes, acompanhando a paciente ao longo do tratamento, em que ele também coleta e analisa seus sonhos, e os resultados dos testes mostram a melhora que o tratamento proporcionou. Considera ter comprovado que o complexo descoberto nas associações é a raiz dos sonhos e sintomas históricos e que as resistências descritas por Freud são o mesmo que os distúrbios no experimento de associação.

Nas análises das associações, a relação pessoal da paciente com o médico foi assimilada pelo campo associativo. Jung (1906a/2011) chega a citar “com o médico ela tem todo tipo de relações eróticas fantasiosas” (§817²¹). As associações analisadas dão uma ideia

²¹ Modificamos a formatação da referência ao substituir o n° de página pelo parágrafo (§) do texto de Jung. A referência ao parágrafo em lugar da paginação é um formato que, embora fora da norma do resto da dissertação, é peculiar aos estudos junguianos, para que se possa consultar o texto em qualquer edição.

geral sobre os complexos e é difícil confirmar as suposições com ajuda consciente da paciente. Por isso, Jung complementa o trabalho coletando sonhos. No trabalho com os sonhos, percebe-se a centralidade da relação com o médico no tratamento do “complexo sexual”, pois a paciente desejaria um relacionamento sexual com o médico para libertar-se da influência da mãe e da personalidade infantil. Entende a demanda da paciente como um desejo de amor, mas também medo de seu futuro sexual e suas consequências, uma vez que, para isso, ela abriria mão da doença e dos cuidados maternos que recebia até então. Refugia-se de seu futuro sexual na doença. A relação erótica com o médico substituiria a relação carinhosa com a mãe que a estava prejudicando. A paciente se apaixonar pelo médico, um homem sexualmente significativo, mas inofensivo, que leva em devida conta o complexo da doença, é um elemento central no caso. Pela correspondência entre Jung e Freud (McGuire, 1976, p.47)²², vemos que Jung enviou àquele o trabalho “Associação, sonho e sintoma histérico”, explicando o uso que fez do método psicanalítico, assumindo cautelosamente o ponto de vista sexual. Freud responde (McGuire, 1976, p.48)²³ comentando que a concepção de transferência parecia ter ficado muito clara a Jung, a partir da forma que ele a utilizou no estudo citado. Não deixa, no entanto, de explicar que a transferência seria a maior prova da natureza sexual dos impulsos psíquicos.

Em cartas seguintes – trocadas enquanto o ensaio de Jung sobre a psicologia da demência precoce aguardava publicação – Jung se justifica (McGuire, 1976, p.51)²⁴ sobre as reservas que tomou na defesa da teoria freudiana da histeria que desenvolveu em sua crítica a Aschaffenburg²⁵. Explica que só pode defender o que corresponde à sua “expectativa inquestionável” e que se deve ter cautela quanto a divulgação dos resultados terapêuticos da psicanálise, enumerando algumas limitações do método. Concordando parcialmente, Freud responde que certos limites da terapia e seu mecanismo ele preferia abordar apenas com iniciados na psicanálise. Em seguida, explica que a cura se processa através da transferência e que esta é obtida mais rapidamente na histeria. É ela que fornece o estímulo necessário na atitude do paciente para com o método e suas interpretações, afirmando que “poder-se-ia dizer que a cura é essencialmente efetuada pelo amor” (McGuire, 1976, p.53)²⁶. Finaliza reiterando que a transferência era a prova irrefutável da

²² 4 J, 23 de outubro de 1906.

²³ 5 F, 27 de outubro de 1906.

²⁴ 5 J, 4 de dezembro de 1906.

²⁵ “A teoria de Freud sobre a histeria” – Resposta à crítica de Aschaffenburg (1906). In: *Obra Completa* vol.4.

²⁶ 8 F, 6 de dezembro de 1906.

etiologia sexual das neuroses. Utilizando seu conceito de transferência referente à relação terapêutica, Freud argumentava em favor do fundamento sexual da libido com Jung, que mantinha suas reservas a esse respeito.

Em “**A psicologia da dementia praecox: um ensaio**” (1906b/2011), Jung expõe suas considerações acerca da *dementia praecox*, tratando das relativas concepções teóricas, do seu conceito de complexo e da influência do afeto sobre o processo de associação, assim como da comparação entre a demência precoce e a histeria. Neste texto, Jung recorre à teoria de Freud sobre os mecanismos psíquicos, sua noção de deslocamento de afeto, ou desejos e sofrimentos, de uma figura para outra ou de si para um outro, reconhecendo seu mérito principal nos princípios psicológicos descobertos pelo austríaco. Mas se distancia da concepção freudiana de libido, mantendo sua reserva quanto à centralidade e universalidade de seu caráter sexual²⁷.

Em “**A teoria freudiana da histeria**” (1908/2011), Jung se propõe a apresentar uma síntese das concepções freudianas mais atuais à época (conferência ministrada em 1907) a partir de uma progressão desde as primeiras publicações, mostrando a evolução das concepções de Freud. Após uma apresentação inicial, Jung passa a expor sistematicamente os pontos principais desses estudos freudianos. Ele toma reservas em estender a concepção freudiana a todos os tipos de histeria, mas confirma que aquele tipo descrito por Freud certamente é um dos que existem e, para o qual, Freud conseguiu uma elaboração teórica notável. Defende ainda que as críticas a Freud vêm da incompreensão de seus princípios (que Jung credits à psicologia de Pierre Janet). Além disso, argumenta que o simbolismo sexual ao qual a psicanálise se dedica é de muito valor, mas que a psiquiatria, por não ter o hábito dos estudos mitológicos, era incapaz de compreender.

Comparando a técnicas anteriores, como o método catártico, Jung compreende que Freud descartou a sugestão com sua associação livre, sob a qual os pacientes não seriam mais dirigidos pelo analista. O paciente era levado a tomar consciência de suas conexões associativas, num processo em que se a interpretação fosse errada, não se conseguiria impô-la ao paciente. E quando fosse correta, os resultados logo se manifestariam em sua atitude. Essa perspectiva leva Jung a considerar a psicanálise um método “educativo”, que leva à mudança de atitude do paciente através de um processo instrutivo.

²⁷ Segundo Haule (1984), nesse ensaio a linguagem de Jung é muito aproximada aos estudos psicológicos franceses, mesmo quando se refere a Freud. Ao se referir aos “sentimentos de incompletude” de um sujeito, ao analisar os fenômenos inconscientes em termos de “automatismos” que ocorrem pela dissociação consequente do “*abaissement du niveau mental*”, por, exemplo, o léxico de Jung está próximo ao de Janet em sua obra “*Les obsessions et la psychasthénie*”(1903).

Usando um exemplo de sua prática para ilustrar as considerações freudianas, Jung expõe o caso de uma paciente que transferia sua libido infantil para o pai, objeto de amor e asco por parte dela, determinando a evolução de sua sexualidade. Aqui, a transferência da libido faz parte da dinâmica libidinal do desenvolvimento sexual, em que a partir da puberdade, as exigências concretas da sexualidade requerem essa transferência de libido para uma pessoa amada. No caso da pessoa histérica, essa transferência não ocorre livremente, mas junto com a libido transferida, vão também todas as fantasias perversas infantis da pessoa histérica, que se mostram incompatíveis com os conteúdos da consciência. O coração do conflito está na impossibilidade de a paciente transferir livremente sua libido, que se esgota na luta contra as defesas que se impõe, gerando os sintomas. Vemos Jung fazer sua análise do caso a partir das transferências que ele percebe na paciente com as pessoas de sua vida, mas sem destacar aí aspectos da relação terapêutica que ela estabelece com ele.

Acompanhando a linha temporal das cartas trocadas por Jung e Freud, é possível observar que Jung leva certo tempo até assimilar o uso do termo transferência como Freud o sugeria em contexto terapêutico. Quando descrevia algumas de suas situações profissionais, Jung as denominava por *rapport* ou transposição, ao que Freud “traduzia” reiteradamente como transferências em cartas-resposta. Há uma nota de rodapé em que McGuire (1976, 19J, p.71) esclarece que até certa altura (meados de 1907), Jung utiliza *transposition* “transposição”, *rapport* “relação”, e *übertragung* “transferência”, de maneira indiscriminada. Até que, assumindo sua incompreensão acerca dos efeitos do método de sugestão hipnótica ainda utilizado por alguns colegas, Jung especula que têm a ver com a “transposição”²⁸ (p.90). A esta questão, Freud responde em carta seguinte que o mecanismo de tratamento em jogo “é com toda a certeza, como lhe parece, a transferência, que o senhor chama de transposição”²⁹ (p.94). Notamos que Jung fixa o uso do termo a partir desse ponto.

Em momento seguinte na correspondência trocada, podemos ver que a apropriação do conceito freudiano passa inclusive por sua experiência pessoal com o colega. Em uma pequena sequência de cartas³⁰ (McGuire, 1976), Jung comenta sua transferência para Freud com o próprio, confessando o medo que tem da reação dele a seus problemas íntimos e sofrendo com as consequências de ter confessado suas aflições ao colega. Das consequências dessa confissão, Jung consegue esclarecer seus sentimentos e compreender a base religiosa que fundamentava as perturbações da relação. Freud comenta esse processo de

²⁸ 26 J, 24 de maio de 1907

²⁹ 27 F, 26 de maio de 1907

³⁰ 49 J, 28 de outubro de 1907; 50J, 2 de novembro de 1907; 51J, 8 de novembro de 1907.

esclarecimento da transferência pelo qual Jung passa, opinando que uma transferência religiosa seria “absolutamente funesta”³¹ (p.141) por desaguar em uma apostasia, por causa da tendência humana de repetir clichês. A essa época das missivas, Jung comenta um congresso que aconteceu na Alemanha, criticando Pierre Janet, que permanecia refratário à psicanálise, e julgou todo trabalho não psicanalítico como destinado ao fracasso.

Parece que até esse momento, enquanto Freud vinha se dedicando à construção do conceito de transferência para se referir aos processos envolvidos na relação terapêutica, Jung ainda considerava esta relação em termos de *rapport*, sem grande dedicação a uma reflexão técnica, usando da transferência para tratar mais da dinâmica libidinal dos sujeitos neuróticos incluindo timidamente a figura do terapeuta nessa dinâmica. Até esse momento, podemos ainda reconhecer a falta de influência do trabalho específico de Janet sobre *rapport e necessidade de direção* na dificuldade de Jung quanto à sugestão.

Na preleção “**A constelação familiar**”³² (1909/2011), a segunda ministrada na Clark University, Jung apresenta os resultados de pesquisas com experimentos de associações feitos em familiares e não familiares, ilustrando a ideia de que as associações convergem a partir de um ambiente emocional compartilhado. Com isto, consegue argumentar que a maior influência sobre o caráter de uma pessoa em formação passa pela atitude inconsciente dos pais e educadores, em que os afetos dão o tom do ambiente. Assim como os pais se colocam diante do mundo, também os filhos se colocarão, com a atitude “herdada” do ambiente familiar. Quando começam a se libertar das amarras familiares, usam a atitude adaptada somente ao pai e à mãe para se adaptar à vida, o que leva a dificuldades da nova adaptação.

Aqui, Jung fala que as primeiras tentativas de amizade e amor são fortemente influenciadas pela relação com os pais e pela constelação familiar. Usa então o exemplo de uma moça que tinha uma tendência inconsciente de escolher doentes mentais como namorados, após transferir seu amor paterno na infância para um irmão mais velho que adoeceu mais tarde. Este lhe serviu de modelo inconsciente para seus namorados. A influência familiar se mostra desta forma como uma determinação de destino. O autor explica ainda que a psicanálise tem um princípio heurístico importante que diz que “manifestando-se em alguém uma neurose, esta contém o argumento contrário ao

³¹ 52 F, 15 de novembro de 1907

³² O termo *constelação* indica um conjunto de elementos psíquicos que se agrupam em torno de um núcleo de conteúdo carregado de energia que promove esse agrupamento por uma ação consteladora. A *constelação familiar* diz da influência psicológica que um indivíduo sofre por pertencer a certo grupo familiar, que representa seu ambiente externo principal.

relacionamento do(a) paciente com a pessoa que lhe esteja mais próxima” (§1010). Na neurose está a influência da imagem dos pais trazida pela pessoa ao seu relacionamento, impedindo-a de se adaptar psicologicamente ao marido/esposa. A infelicidade é pela vinculação forte com os pais que faz a pessoa ficar presa numa relação infantil. Seria, portanto, uma das tarefas pedagógicas a questão de como libertar a criança do seu meio ambiente infantil, conservando apenas o que for conveniente.

Ele reconhece, no entanto, que àquela altura, de conhecimentos escassos acerca da psique infantil, muita coisa poderia ser feita mais pelos pais do que pelas crianças. Faz menção ao estudo de Freud sobre o caso do “pequeno Hans” (*Análise da fobia de um menino de 5 anos*), que também foi apresentado nas Conferências de Clark, como um trabalho relevante para a pedagogia. Este é um caso importante na elaboração teórica que Freud faz acerca da transferência e do complexo nuclear que chamou posteriormente de complexo de Édipo (Ellenberger, 1970b). Jung acompanha, até o rompimento, o interdependente desenvolvimento teórico das duas noções freudianas.

Nas cartas³³ (McGuire, 1976), meses antes das Conferências na Clark University, Freud indica e elogia enfaticamente um trabalho de Ferenczi sobre transferência que sintetiza as ideias de como as experiências transferenciais remetem às relações do sujeito com figuras parentais. O texto de Ferenczi é um ensaio detalhado em que o autor, referenciando principalmente trabalhos de Freud e de Jung, procura explicar os mecanismos e conteúdos da transferência, condensando as principais reflexões sobre o tema até então. Nele encontramos muitos elementos que se mantiveram vivos no trabalho de Jung.

2.2 Sándor Ferenczi: *Transferência e Introjeção*

Sándor Ferenczi (1873-1933) foi um neurologista e psiquiatra húngaro que se tornou amigo íntimo e grande colaborador de Freud e seu trabalho “*Transferência e Introjeção*”, publicado em 1909, tem caráter seminal no campo da psicanálise.

Nele, Ferenczi define a transferência como um deslocamento. O neurótico retira a libido de um complexo que se tornou incompatível com a consciência do ego e os afetos desinvestidos deste complexo ficam “livremente flutuantes”. Estes afetos flutuantes ficam disponíveis como valências livres que anseiam por ligação, gerando uma *tendência a transferir*, que autor exprime ainda em termos de impulso e aspiração. Assim, os afetos

³³ 122 F, 26 de dezembro de 1908; e 123 F, 30 de dezembro de 1908.

flutuantes podem ser convertidos em sintoma orgânico ou se prender a uma ideia compulsiva, na tentativa de se neutralizarem. No entanto, não sendo a realização “original”, essa neutralização nunca é perfeita e resta uma excitação residual centrífuga, que o autor chega a chamar de "complexífuga" (Ferenczi, 1909/1911, p. 83) por reconhecer que mantém certa qualidade do complexo original.

Para compreender a dinâmica desses deslocamentos, ele propõe que a transferência é um mecanismo de introjeção e apresenta-o paralelamente ao mecanismo de projeção. A projeção ocorre quando o que é percebido objetivamente difere do vivenciado subjetivamente, levando a um distanciamento do mundo, como no paranóico que rechaça seu interesse pelo mundo exterior e projeta nele seus desejos e tendências inconfessadas. Já na introjeção, o ego absorve uma parte do mundo externo que coincide com sua vivência subjetiva, quando uma parte das sensações subjetivas estão identificadas nos objetos que as suscitaram, e assim eles são assimilados na esfera de interesse. Seria o mecanismo típico do neurótico, que estabelece uma aproximação com o mundo ao incluir em seus interesses uma parte tão grande quanto possível do mundo externo, para tê-lo como objeto de fantasias conscientes ou inconscientes. A introjeção é uma forma de atenuar os afetos flutuantes pela extensão da esfera de interesse, espalhando as emoções por todo tipo de objeto, com a intenção de manter recalcado o complexo original.

Dos complexos fixados no decorrer da infância e que se conservam ao longo da vida, “os principais são os complexos parentais” (Ferenczi, 1909/1911, p. 92). Ferenczi defende que Freud vinha constatando que todas as neuroses se fundamentam neles e explica que a transferência é a ressuscitação das figuras parentais de infância. As próprias condições da análise parecem propiciar um enfraquecimento moral acompanhado da atenuação do sentimento de responsabilidade, a partir do que o paciente se sente numa posição hierarquicamente inferior, enquanto o analista desperta reações afetivas e fantasias que se destinam às figuras interiores, mas se transferem àquele personagem atual que as despertou.

O complexo de Édipo seria penoso e recalcado por seu caráter incestuoso. Nele sobrevive o amor e o ódio infantil erótico pelos pais e dele se origina a tendência universal para a obediência cega e confiança incondicional. Ferenczi cita Jung para demonstrar como as neuroses, em geral, nascem do conflito entre as influências parentais inconscientes e os esforços de independência do sujeito. O autor explica ainda que a camada mais profunda do psiquismo é a camada do estágio “autoerótico”, no qual reina o princípio do prazer (o desejo de satisfação motora imediata da libido). O adulto não tem mais acesso direto a essa camada, a qual é deduzida a partir dos sintomas. O que pode ser imediatamente evocado pertence em

geral à camada do estágio do *amor objetal*, cujos primeiros objetos são os pais. A partir dela, o sujeito está sempre em relação com o mundo, assumindo uma posição, com os mecanismos de introjeção e projeção. A capacidade de adotar uma “posição sexual” (Ferenczi, 1909/1911, p. 95) diante dos objetos é que permite uma capacidade para transferência. Assim, “a raiz mais profunda da transferência, como de todo amor objetal, provém dos complexos parentais” (p.96), assim como as tentativas amorosas posteriores do sujeito se apresentam como substitutos do primeiro apego infantil.

Ferenczi chega a desconsiderar que tenha havido comentários sobre a transferência, introjeção ou projeção, antes de Freud, como se Freud tivesse sido o primeiro a tratar do assunto ao dar nomes próprios para esses fenômenos. Ele reconhece que a transferência ocorre em todos os tratamentos de neurose, analíticos ou não, sendo o fundamento de toda a fenomenologia da hipnose e da sugestão. E defende que a psicanálise levou em conta a transferência como nenhuma outra metodologia levou. Com o advento da transferência, ele diz ter compreendido situações de tratamentos sugestivos que não compreendera antes. A transferência é o que explicaria as “curas milagrosas” de todos os tipos. Segundo Ferenczi (Ferenczi, 1909/1911), as condições da elaboração intrapsíquica da sugestão continuavam obscuras até a psicanálise fornecer os dados sobre o conteúdo dos complexos e sobre a orientação dos afetos inconscientes mobilizados durante a hipnose.

A influência exercida pelo hipnotizador sobre as energias psíquicas do sujeito nada mais seria que uma manifestação de sua vida instintiva infantil recalcada. A sugestionabilidade em si tem sua origem naquelas aspirações primárias dos afetos flutuantes. Estes afetos desempenham o papel principal na produção de influência, transferindo-se do complexo nuclear para a relação “médico-paciente”. A possibilidade de ser hipnotizado depende dessa capacidade de transferência, ou seja, da capacidade do sujeito hipnotizado de adotar uma posição "sexual" em relação ao hipnotizador. Pela perspectiva fornecida pela Psicanálise, são as forças psíquicas inconscientes do sujeito hipnotizado que fazem o papel ativo na hipnose e sugestão. E a psicanálise pode reduzir as complexas combinações psíquicas da hipnose a seus componentes primários (Ferenczi, 1909/1911).

Ferenczi aponta que a prática da hipnose exige condições externas³⁴, para que ocorra a transferência. E mais elementos edipianos podem ser observados no que Ferenczi resumiu sob dois princípios que a hipnose usava para submeter o indivíduo à sugestão: a intimidação

³⁴ Minerbo (2020) destaca que, além de mostrar que a transferência para o analista é apenas uma manifestação particular de um fenômeno mais geral, Ferenczi se opõe a Freud ao argumentar que elementos *reais* do analista fazem com que ele seja um bom suporte para a transferência.

e a ternura. Hipnotizadores imponentes assemelham-se à imagem do pai, enquanto hipnotizadores meigos, monótonos ou apaziguadores se assemelham à imagem materna. A situação produzida pela hipnose é adequada para evocar no espírito do sujeito sua “infância”, despertando nele a tendência à obediência e confiança incondicionais típicas ao estágio infantil. Num estágio autoerótico, a obediência das crianças a seus pais poderia ser entendida como uma coerção exterior. Porém, com o aparecimento do amor objetal, a obediência ocorreria como satisfação prazerosa por identificação da criança com os pais. Os objetos de amor introjetados levam o sujeito a sentir que está “obedecendo a si mesmo” quando obedece aos pais. Quando a “pílula amarga da coerção não está envolta na doçura do amor” (Ferenczi, 1909/1911, p.101), a criança retira a libido de seus pais, o que perturba o desenvolvimento psíquico. A supervalorização dos pais e a tendência para a obediência cega costumam desaparecer na adolescência, mas a necessidade de submissão persiste. E é transferida a outros personagens - professores, superiores, governantes. Para Ferenczi, o componente masoquista do instinto sexual é o prazer de obedecer que as crianças aprendem com os pais.

Por fim, o autor apresenta os mecanismos da neurose em paralelo aos fenômenos da hipnose, assemelhando-os e destacando a diferença trazida pela psicanálise. Entendia que a auto hipnose e autossugestão eram estados em que representações inconscientes provocam todos os sintomas psíquicos da hipnose, sem qualquer intervenção exterior. A neurose seria uma espécie de autossugestão, em que representações inconscientes produzem sintomas análogos aos fenômenos hipnóticos. As representações inconscientes (complexos parentais) produzem da mesma forma: sintomas neuróticos e autossugestão; a transferência para o hipnotizador, que produz os sintomas hipnóticos; a transferência para o analista, que pode conduzir à dissolução dos sintomas. Assim, compreendia ainda ser impossível “sugerir” no sentido de introduzir no psiquismo uma representação estranha ao ego. Só se poderia conceber processos que deflagram mecanismos auto sugestivos inconscientes. A hipnose seria comparável ao modo de ação das causas deflagradoras das neuroses e também uma forma de criar artificialmente as condições para a transferência - das tendências afetivas do complexo parental para a figura do hipnotizador (Ferenczi, 1909/1911).

As introjeções, substituições, conversões e outros sintomas são tentativas de cura que tentam neutralizar os afetos flutuantes deslocados de seu complexo original, mas fracassam. Os hipnotizadores ao tentar reproduzir os mesmos procedimentos auto terapêuticos, empreendidos pelo psiquismo, também fracassam ao tentar simplesmente neutralizar a energia afetiva dos complexos recalçados. A psicanálise propõe não uma neutralização ou melhora passageira dos afetos flutuantes, mas uma superação das resistências à

conscientização de seus complexos originais e a consequente independência do paciente em relação ao médico. A transferência sendo o pilar de todos os métodos, os outros métodos consistiriam em cultivar e reforçar a transferência. Já a “análise desmascara o mais rapidamente possível essas relações fictícias, reconduzindo-as à sua verdadeira fonte, o que acarreta na sua dissolução” (Ferenczi, 1909/1911, p. 90).

É imperioso observar que Ferenczi faz repetidas referências ao trabalho de Jung *A importância do pai no destino de indivíduo*, em sua versão de 1909 e que não corresponde à versão disponibilizada nas *Obras Completas*, cuja versão foi revisada em 1948 para corresponder aos conhecimentos desenvolvidos posteriormente por Jung sobre os arquétipos, mesmo mantendo a ideia central de se aprofundar sobre a importância das figuras parentais, e especificamente a paterna, na forma que o indivíduo se coloca no mundo e estabelece suas relações. Com isso precisamos reconhecer que houve importante contribuição de Jung, deduzida pelos comentários e citações feitos por Ferenczi, à elaboração da noção psicanalítica de transferência. O que indica sua assunção do conceito e das discussões a partir do ponto de vista psicanalítico da época³⁵.

Com seus estudos experimentais, Jung havia conseguido demonstrar que os complexos idiossincráticos de um indivíduo se agrupavam de modo a refletir eventos e períodos significativos de sua vida. Freud, e sua teoria sexual, impôs um esquema causal sobre a formação desses complexos, cuja causa estaria dispersa ao longo do desenvolvimento sexual infantil, que seriam manifestações substitutivas de *uma* “verdade latente”: o complexo de Édipo. Haule (1984) comenta que a teoria sexual de Freud lhe tornou a teoria da dissociação obsoleta e deu à psicanálise uma forma distintiva própria, reivindicando fundamentos fisiológicos e se afastando dos fenômenos espiritualistas - que enfraqueciam propostas que se diziam científicas à época³⁶.

Em 1909, Jung deixou seu trabalho no Hospital de Burghölzli. Ellenberger (1970) aponta que um dos motivos de sua saída foram conflitos com Bleuler, que sentia que Jung estava tão envolvido com a psicanálise que negligenciava seus deveres hospitalares, e os dois homens tinham frequentes divergências de opinião. No começo de sua correspondência com Freud, em carta de 30 maio de 1907, Jung explicita seu interesse direcionado sobremaneira aos estudos experimentais, com o plano de ter seu próprio laboratório de

³⁵ A análise desse texto de Jung não entra na investigação desta pesquisa pela questão das fontes disponíveis explicitada na fundamentação metodológica desta dissertação.

³⁶ Inclusive, em *Memórias, sonhos, reflexões*, Jung (2016) descreve o evento em que Freud teria dito a ele para que fizesse da teoria sexual um dogma contra a onda de lodo negro do ocultismo.

psicologia no Burghölzli, o que acabaria por sacrificar sua carreira clínica (McGuire, 1976). De fato, seu uso das técnicas psicoterápicas da época tinha esse objetivo científico e mesmo em sua virada para a psicanálise, intimamente ligada ao seu abandono da hipnose, ele a tomava como um instrumento de pesquisa. De alguma maneira, isso pode nos fazer pensar no lugar que a relação terapêutica tinha nos interesses de Jung à época. Posteriormente, Jung declara a Freud que tinha a pretensão de continuar se dedicando à psicologia experimental e sua saída do hospital se deu pela frustração de não poder criar seu laboratório. Decidiu se dedicar a seu crescente consultório particular e às suas pesquisas, que mudaram para o estudo da mitologia, do folclore e da religião. Vemos também seu interesse pela transferência mudar sensivelmente. Shamdasani (2005b) concorda que Jung passa a se preocupar com a transferência quando se volta totalmente à sua prática clínica particular.

2.3 A transferência da psicanálise

Léon Chertok (1968) compreende que na gênese do conceito de transferência freudiano havia uma defesa para se proteger do espectro de envolvimento erótico que há muito pairava sobre as práticas de magnetismo, hipnose e psicoterapia. Para ele, os psicoterapeutas que eram há séculos assombrados pelas possíveis complicações do relacionamento, poderiam sentir-se doravante tranquilizados ao utilizar um operador conceitual discriminado só para isso. Além da ansiedade em relação ao erotismo no encontro terapêutico destacada por Chertok, George Makari (1994) chamou a atenção para a ansiedade epistemológica que estava por trás do desenvolvimento de uma teoria da transferência, que aparecia já em 1895, mostrando como Freud estava tentando “domar preocupações inquietantes sobre o status epistemológico da histeria” e da sua terapia (p. 567).

O significado desses pontos para Jung surge quando se considera seu próprio abandono da hipnose e sua admissão da psicanálise. Shamdasani (2001) apresenta uma reflexão que Jung faz sobre o que o levou a questionar seu uso das técnicas hipnóticas. Nessa reflexão, que aparece em sua correspondência trocada com Löy³⁷ (Jung, 1914/2011), ele se refere a três eventos em que a cura se deu escapando completamente a seu entendimento. E para ele, parecia infantil querer curar doenças com encantamentos mágicos, de modo que os métodos da psicanálise lhe serviram como um salva-vidas. Shamdasani (2001) ressalta que

³⁷ Este trabalho de Jung é analisado mais à frente, no próximo capítulo.

foram três exemplos terapêuticos *bem sucedidos* que fizeram Jung questionar a hipnose, demonstrando sua preocupação epistemológica com uma psicoterapia fundamentada em uma psicologia geral. Para o historiador, um dos apelos da psicanálise a Jung pode ter sido sua utilidade em resolver os problemas colocados pelo rapport, uma vez que essas dúvidas sobre o uso da hipnose e seus componentes eróticos se intensificaram no contexto de sua prática psicoterapêutica privada.

Seguindo a cronologia dos trabalhos de Jung incluídos na OC, pudemos observar como ele gradualmente assume a concepção psicanalítica nas discussões sobre transferência. Em **“Contribuição à psicologia do boato”** (1910a/2011), ele analisa uma situação de variação de narrativas a partir de um relato, mostrando as diferentes versões de um boato e de sua versão supostamente original. Menciona a transferência de libido para pessoa significativa para explicar a multiplicidade de personalidade de quem recebe grande investimento de libido.

Em **“Resenhas das obras psicológicas de autores suíços”** (1910b/2011), Jung afirma que os conhecimentos que ele tinha à época de seu próprio texto *“Teoria freudiana da histeria”* (1908) mudaram muito até 1910, por conta de acúmulo de mais experiência. De resto, sintetiza o essencial do texto. Já na resenha sobre a obra de Riklin, de 1905, *“Analytische Untersuchungen der Symptome und Assoziationen eines Falles von Hysterie (Lina H.)”*, menciona lacunas na obra que viriam a ser preenchidas posteriormente pelos conceitos de transferência, libido e sexualidade infantil que a psicanálise desenvolvera melhor desde então.

Em **“Morton Prince M.D. “The Mechanism and Interpretation of Dreams”:** **resenha crítica”** (1911/2011), Jung faz uma resenha sobre um artigo em que Morton Prince relata sua tentativa de analisar uma série de sonhos de uma paciente, testando algumas das propostas metodológicas de Freud. A análise que Jung faz deste trabalho mostra seus argumentos para comprovar não apenas a teoria interpretativa de Freud como também sua teoria sobre a transferência, ao mesmo tempo que mostraria as limitações de Prince.

Para Jung, o americano prendeu-se ao aspecto formal do sonho e perdeu o caráter dinâmico. E para elaborar sua crítica, Jung faz sua própria análise do material relatado por Prince, fazendo algumas deduções informadas pela experiência. Um dos destaque que Jung faz é o de que o colega conseguiu libertar a paciente, que sofria de uma dissociação histérica, por um certo período, mas que a situação da paciente piorou porque ela não conseguiu se tornar independente do analista, permanecendo presa a este de modo angustiante, o que incomodava a ele, Prince. Elencando todos os elementos que Prince não analisou e seguindo

o “caminho da psicanálise”, argumenta que o trabalho de Prince não se sustenta como crítica séria à teoria dos sonhos de Freud. Posteriormente, soube-se que Prince não afirmou ter empregado o método psicanalítico, o que, para Jung, deveria fazê-lo desistir das críticas à Psicanálise. O grande valor da crítica de Jung ao trabalho de Prince foi seu apontamento à cegueira do colega para a situação transferencial e, principalmente, para sua postura enquanto analista naquele caso. Na análise de Jung, fica claro a dificuldade da paciente e do analista com a transferência, ressaltando-se o desespero da paciente em sua dependência, e o desconforto do analista que tenta cortar esse processo, sem entendê-lo.

Nas cartas que continuava trocando com Freud (McGuire, 1976), Jung eventualmente comentava sobre situações transferenciais, sobre as quais Freud fazia uma ou outra recomendação e destacava dificuldades que Jung parecia ter para desenvolver a capacidade de dominar a contratransferência³⁸. Freud também avisa da preparação de textos técnicos, dentre eles o “*A dinâmica da transferência*” e quando estes são publicados, em 1912, Jung agradece e os elogia fortemente, considerando o “*A dinâmica da transferência*” de valor inestimável ao analista³⁹.

Publicado no início de 1912, “*A dinâmica da transferência*” (Freud, 1912/2016) aparece após a publicação da Parte I de “*Transformações e Símbolos da Libido*”, de Jung, e faz inclusive menção a esse trabalho parcial. Partindo de pontos comuns acerca de como a transferência se dá, a novidade do texto de Freud parece ser sua tentativa em esclarecer duas questões que permaneciam em aberto: 1) por que a transferência dos neuróticos em análise ocorre mais intensamente do que naqueles que não fazem psicanálise? 2) por que a transferência parece ser a mais forte resistência ao tratamento, ao mesmo tempo em que se admite que ela é condição do processo de cura? Para a primeira questão, Freud assevera que uma transferência mais intensa não é característica do método psicanalítico, mas própria da neurose mesma. Daí, se depreende que uma transferência intensa também ocorre em outros contextos em que os doentes não são tratados analiticamente, basta que se observe com atenção o que acontece nos tratamentos institucionais. O esclarecimento à segunda questão, por sua vez, é o núcleo do artigo técnico de Freud.

No adoecimento neurótico, uma determinada relação com o mundo exterior pode levar a libido a introverter, ou regredir, reanimando as imagens⁴⁰ infantis. Paralelamente, a

³⁸ Cartas 145F, 7 de junho de 1909; 290 F, 31 de dezembro de 1911. Não abordamos a concepção de *contratransferência* nesta dissertação, mas gostaríamos de registrar que, segundo Minerbo (2020), ela começa a ser elaborada por Freud na sua correspondência com Jung, até sua formulação oficial em 1910.

³⁹ 299J, 19 de fevereiro de 1912.

⁴⁰ Tanto a expressão “imago” como o conceito de “introversão” desenvolvidos por Jung (Freud, 1912/2016).

parte inconsciente dos complexos sempre exerce uma atração sobre essa libido disponível na personalidade consciente. Se algo da realidade não atrai mais a libido disponível, esta cede à atração inconsciente. A investigação psicanalítica segue à procura dessa libido regredida em seus esconderijos, e tem de lidar: por um lado, com as forças que procuram conservar o estado das coisas; e, por outro, com a repressão dos instintos inconscientes, a fim de superar a atração inconsciente destes. A resistência teria essas duas fontes e cada associação e ato do analisando deve levá-la em consideração. Dito de outra maneira, o pensamento, a associação ou o ato do sujeito com o analista satisfaz as forças que visam a cura, mas também a resistência. A transferência surge quando, ao se seguir o complexo patogênico desde sua representação consciente até a raiz no inconsciente, algo do material do complexo se presta a ser transferido para a pessoa do analista de modo a satisfazer a resistência. Ao nos aproximarmos de um complexo patogênico, "a parte desse complexo capaz de transferência é empurrada para a consciência e defendida com enorme tenacidade" (Freud, 1912/2016, p.104). A transferência fornece, assim, a possibilidade de distorcer o material patogênico que poderia ser revelado de outras formas, mas pode ser distorcido na transferência. Por isso, Freud defende que só se chega ao esclarecimento do papel da transferência na terapia se forem abordados os seus vínculos com a resistência.

A partir disso, distingue-se a transferência em dois tipos: positiva e negativa. O tipo negativo se compõe de sentimentos hostis e repulsivos, enquanto o tipo positivo é acompanhado de sentimentos ternos, amigáveis e capazes de serem conscientizados. Mas há ainda o prolongamento destes sentimentos positivos no inconsciente, no qual remontam a fontes eróticas reprimidas. Considerando-se essas formas de transferência, ela serve de resistência ao tratamento na medida em que seja uma transferência negativa, ou transferência positiva de impulsos eróticos reprimidos. Ao ser conscientizada, a transferência é abolida em seus componentes negativos. E aquele componente afetivo, capaz de consciência e não repulsivo, subsiste como veículo do sucesso terapêutico. Dessa forma, usa-se da influência, possível por meio dos fenômenos de transferência, em favor da independência final do paciente. Freud ainda elucida essa questão dos tipos de transferência compreendendo a noção bleuleriana de *ambivalência* nas inclinações afetivas, que pode ser observada quando a transferência negativa ocorre lado a lado da transferência afetiva, e que explicaria a capacidade de os neuróticos porem suas transferências a serviço da resistência.

Paralelamente às explicações sobre os tipos de transferência e relação com a resistência, Freud elucida ainda outros fatores que influenciam os fenômenos transferenciais. Ao investigar os extravios da libido, penetra-se no âmbito do inconsciente e as reações que

se obtêm nesse processo têm as características dos fenômenos inconscientes. É este o caso das resistências de transferência. Segundo o austríaco:

Os impulsos inconscientes não querem ser lembrados como a terapia o deseja, procurando, isto sim, reproduzir-se, de acordo com a atemporalidade e a capacidade de alucinação do inconsciente. Tal como nos sonhos, o doente atribui realidade e atualidade aos produtos do despertar de seus impulsos inconscientes; ele quer dar corpo (*agieren*) a suas paixões, sem considerar a situação real. O médico quer levá-lo a inserir esses impulsos afetivos no contexto do tratamento e no da sua história, a submetê-los à consideração intelectual e conhecê-los (*erkennen*) segundo o seu valor psíquico. Essa luta entre médico e paciente, entre intelecto e vida instintual, entre conhecer e querer “dar corpo”, desenrola-se quase exclusivamente nos fenômenos da transferência (Freud, 1912/2016, p.108).

É por essa compreensão, em suma, que os fenômenos de transferência oferecem as maiores dificuldades ao psicanalista, mas também as maiores vantagens ao tornar atuais e manifestos os impulsos libidinais ocultos do paciente, para justamente terem a chance de serem elaborados em favor da cura da neurose. Com isso, vemos ainda a entremeada elaboração conceitual entre os trabalhos de Freud e de Jung nessa época, que podemos acompanhar ao observar as datas de preparação e publicação dos trabalhos de ambos. Muito da compreensão de Freud apresentada no artigo de 1912 é encontrada no trabalho de Jung que analisamos no capítulo seguinte.

Por outro lado, vale ressaltar que a essa altura, a psicanálise ainda não era a doutrina unificada. Como demonstram Ellenberger (1970) e Shamdasani (2012), o grupo psicanalítico de Zurique se sentia livre para desenvolver suas ideias à sua própria maneira, de modo que as divergências iniciais puderam permanecer sem controle por um tempo. Para Ellenberger (1970), o período psicanalítico de Jung foi de 1909, quando saiu do hospital para se dedicar à sua clínica particular e à causa da psicanálise, e vai até 1913, quando deixa a Associação Psicanalítica. É um período em que ele passa a uma gradual tomada de posição dentro do movimento psicanalítico, propondo mudanças em seus conceitos, a partir de reservas que apresentou desde o início e se desenvolveu na correspondência trocada com Freud. Nesse estágio, as divergências foram toleradas dentro da estrutura da aliança política mais ampla (Shamdasani, 2012). Inicialmente, ele apenas propôs alternativas a algumas das ideias de Freud (como em “O significado do pai para o destino do indivíduo”, de 1909, e “Sobre os conflitos de alma infantil”, de 1910), mas logo suas reservas quanto ao caráter

exclusivamente sexual da libido e à universalidade do complexo de Édipo se tornaram divergências incontornáveis.

3. DA PSICANÁLISE À PSICOLOGIA ANALÍTICA

Ao final da década de 1900, vários psicanalistas se engajaram em estudos sobre mitologia, como Karl Abraham, Otto Rank e Herbert Silberer, bem como Franz Riklin, em Zurique (Ellenberger, 1970). Nesse movimento, Jung ampliou os conhecimentos que já tinha em história das religiões, usando suas referências para entender os sonhos e fantasias de seus pacientes. Trabalhando com psicóticos graves no Burghölzli, a ocorrência frequente de símbolos universais em seus delírios e alucinações chamou a atenção de Jung e o levou a supor um outro domínio do inconsciente, além das representações reprimidas investigadas pela psicanálise. Esse movimento resultou em “*Transformações e símbolos da libido*”, de 1911/1912 (primeira versão de “*Símbolos da Transformação*”, reeditado em 1952), no qual interpreta as fantasias de Miss Miller a partir de suas associações pessoais e amplificando com uma enorme variedade de material, como obras religiosas, épicas, mitológicas, filosóficas, arqueológicas e linguísticas (Ellenberger, 1970; Shamdasani, 2012).

Em “*Transformações e símbolos da libido*”⁴¹, obra publicada em duas partes, Jung diferencia dois tipos de pensamento: o pensamento dirigido e o pensamento fantasioso, em que o primeiro era verbal e lógico, enquanto o segundo era passivo, associativo e imagético. O primeiro era exemplificado pela ciência e o segundo pela mitologia, e o pensamento fantasioso ocorreria quando o pensamento dirigido cessava. A obra fez um estudo extenso do pensamento fantasioso e da presença contínua de temas mitológicos nos sonhos e nas fantasias dos indivíduos contemporâneos, reiterou a equação antropológica entre o pré-histórico, o primitivo e a criança, e postulou uma camada filogenética para o inconsciente que ainda estava presente em todos, consistindo em imagens mitológicas. Para Jung, os mitos eram símbolos da libido e retratavam seus movimentos típicos. Usando o método comparativo da antropologia para reunir os mitos, submeteu-os à interpretação analítica e alegou que deveria haver mitos típicos que correspondessem ao desenvolvimento etnopsicológico dos complexos. Denominou esses mitos típicos de “*imagens primordiais*” e deu atenção especial a um mito em particular: o do herói. Para Jung, ele representava a vida do indivíduo, tentando se tornar independente e se libertar da mãe. Sob essa perspectiva, ele interpretou o motivo do incesto como uma tentativa de retornar à mãe para renascer, em busca de transformação. Foi na segunda parte do livro que Jung expôs explicitamente sua

⁴¹ Apesar da importância da obra, ela também não pôde ser incluída nesta dissertação pela inacessibilidade à edição original. Por essa razão, fazemos alusão à síntese de Sonu Shamdasani.

divergência com a teoria da libido sexual de Freud e apresentou seu próprio relato do desenvolvimento do indivíduo (Shamdasani, 2012).

Entre a publicação da primeira parte de “Transformações e símbolos da libido”, que ocorreu em 1911, e da parte II, que ocorreu em 1912, Jung deu uma série de palestras na Universidade Fordham de Nova York, em que dava sua própria versão da psicanálise, extrapolando compreensões básicas de Freud com desenvolvimentos próprios. A essência de sua crítica feita em “Transformações e Símbolos da Libido” é apresentada em detalhes nessas palestras e Jung as usou para redefinir sua relação com a psicanálise e sua posição dentro do movimento intelectual (McGuire, 1976; Haule, 1984; Ellenberger, 1970).

3.1 A concepção junguiana de *libido*

As palestras, intituladas “A teoria da Psicanálise” e ministradas em setembro de 1912 foram compiladas e publicadas em 1913 e constam nas *Obra Completa* como “**Tentativa de Apresentação da Teoria Psicanalítica**” (1913a/2011). Nelas, ele considera que formula uma crítica “discreta e moderada” (p.103) baseada na sua experiência, revisando princípios orientadores de Freud. Identificando sua prática como psicanalítica, defende que seu reposicionamento não representava uma cisma interna ao movimento e argumenta que suas críticas estimulariam o florescimento e progresso da psicanálise. Dentre os nove eixos temáticos abordados nas palestras, o maior destaque fica para a sua versão do conceito de libido, cuja discussão é importante para se compreender de que perspectiva Jung fala quando trata dos fenômenos da transferência clínica.

A experiência predominantemente psiquiátrica de Jung o impedia de compreender com facilidade a teoria freudiana das neuroses de transferência de libido, em seu sentido sexual. Mas especialmente nos casos de *demência precoce*⁴², tal teoria se aplicava ainda menos do que na histeria ou nas compulsões. Nota-se que em seu ensaio sobre a demência precoce, Jung explica o uso que faz da expressão “energia psíquica”, apesar do reconhecimento que dá aos conhecimentos adquiridos com Freud. Para que a teoria da libido freudiana se aplicasse aos casos de demência precoce, a função elementar de relação com a realidade deveria ser idêntica ao interesse sexual. Seria inadequado afirmar que a função do real⁴³ se mantenha exclusivamente pelo interesse erótico. Jung admite que o modo de

⁴² Posteriormente denominada “esquizofrenia”

⁴³ *Fonction du réel*, da psicologia de Pierre Janet

conceber a transferência da libido se desenvolveu através do uso diário do termo, de modo que seu uso frequente levou espontaneamente a uma forma de aplicação na qual se esquece a conotação originária puramente sexual. “Libido” poderia ser substituída por “interesse”, por exemplo, sem grandes consequências. Essas foram questões que o próprio Freud confrontou em seu estudo sobre o caso Schreber.

Por outro lado, Jung reconhece que o valor do conceito de libido não estava em seu caráter sexual, mas em sua perspectiva *energética*, que dava à psicologia uma concepção heurística valiosa. Uma concepção energética admite uma unidade dinâmica para a libido, que se aplica de formas variadas, analogamente à teoria de conservação da energia. Jung (1913a/2011) argumenta que, do ponto de vista da história da evolução, existe um instinto vital contínuo, “uma vontade de existir que quer assegurar a reprodução de toda a espécie mediante a conservação do indivíduo” (§ 280). Na natureza, não existe uma separação artificial em que o instinto de propagação da espécie se opõe ao de autoconservação. Compreende-se que originalmente inúmeras funções pudessem ser ramificações do instinto de propagação da espécie. Mas tendências inicialmente artificiais (para aplicação da libido) perdem seu caráter sexual originário no momento em que adquirem fixação orgânica e independência funcional. Isto é compreensível substituindo-se o funcionamento puramente formal pelo modo energético, em que não são as forças que se transmutam umas nas outras, mas é a energia que muda suas formas de manifestação. Portanto, libido deve ser o nome da energia que se manifesta no processo vital e é sentida subjetivamente como aspiração ou desejo. Assim, vê-se a pluralidade dos instintos como potencialidades saindo de uma unidade relativa, a libido.

Deste modo, fases heterogêneas do desenvolvimento humano guardam entre si uma relação energética. E sob este ângulo, a psicologia é um método para descobrir os pontos ou funções em que a libido se emprega ou deixa de se empregar, visando desenvolvimento. Jung explica que a libido tem aplicações secundárias e infantis até o amadurecimento, quando ela se retira destas aplicações e desemboca no canal da sexualidade definitiva. Divide a vida em três estágios do ponto de vista do desenvolvimento sexual: pré-sexual; pré-puberdade; maturidade. Estas fases se caracterizam pela localização funcional da libido, mais do que por sua intensidade. O estágio *pré-sexual* se caracteriza quase exclusivamente pelas funções de crescimento e de nutrição. A fase *pré-puberdade* é o período em que a sexualidade começa a germinar. E a fase de *maturidade* é a fase adulta, que se estende da puberdade em diante (Jung, 1913a/2011).

Assim como o processo evolutivo consistiria num desvio progressivo da libido primordial dos processos reprodutivos para as funções secundárias de atração e proteção das crias, esse desvio continua acontecendo à medida que a adaptação à realidade se torna mais complexa. Isto ocorreria também na vida individual, em que a libido cria para si novos rumos de necessidades e satisfação à medida que o indivíduo cresce e se desenvolve dos processos mais básicos aos mais complexos. A libido, no entanto, liberta-se lentamente e com dificuldade das características das funções anteriores, para se revestir das características da função sexual madura. Os estágios de desenvolvimento, antes de serem perversos ou patológicos, são posições transitórias da libido. “Quanto mais tranquila e fácil for esta retirada da libido de suas posições transitórias, tanto mais rápido e mais perfeito será o desenvolvimento da sexualidade” (Jung, 1913a/2011, § 293). E quanto menos isso acontecer, mais comprometido o desenvolvimento.

Com as novas considerações sobre a libido, Jung explica então que a predisposição que levaria ao desenvolvimento da neurose está em um retardamento no processo de liberar a libido das atividades do estágio pré-sexual, uma demora exagerada da libido em certas etapas provisórias, que se potencializa quando se soma à passagem do tempo, em que o amadurecimento físico do indivíduo aumenta a distância entre a atividade infantil e as condições e exigências de uma vida mais adulta. Quanto mais libido empenhada numa atividade retardada, mais intenso é o conflito neurótico. Esta atitude infantil pode se manifestar em preconceitos, ilusões e reivindicações afetivas pelas quais os neuróticos se deixam levar, como um comportamento esquivo frente à realidade. Por meio dessas fantasias, as pessoas chegam a uma posição irreal e totalmente inadaptada perante o mundo. Assim, a neurose não precisa de uma etiologia traumática e se enraíza numa atividade fantasiosa que conserva um caráter infantil no indivíduo.

Deste modo, é preciso procurar a causa da neurose manifesta na retardação do desenvolvimento afetivo. Vivências “traumáticas” ou patógenas são aparentemente importantes apenas enquanto criam a ocasião para o aparecimento de um estado já há muito tempo anormal. Os pacientes conservam formas de utilização da libido que deveriam ter sido abandonadas há muito tempo. Uma dessas formas é a atividade excessiva da fantasia, que se caracteriza pela acentuação de desejos subjetivos, e sempre é sinal de aplicação deficiente da libido à realidade. A aplicação da libido que ainda é em parte fantasiosa ou ilusória ao

invés de estar adaptada às circunstâncias reais⁴⁴ da vida caracteriza uma introversão dessa libido, em maior ou menor grau. Um concomitante regular dessa retardação é o complexo “pai” e “mãe”. Procurando no material passado do indivíduo, a personalidade dos pais tem papel preponderante em seu desenvolvimento. Quando a libido está introvertida, ela vivifica reminiscências que pertencem ao passado e o doente vive como se estivesse lidando ainda com as condições de vida do passado, e acaba se ocupando de coisas que já não deviam ter importância (Jung, 1913a/2011).

Jung usa o termo “*imago*” para esclarecer que não se trata propriamente da mãe e do pai, mas de suas *imagens subjetivas*, que são frequentemente distorcidas, mas que marcam a psique do doente. O complexo da imagem dos pais é um relevante campo de aplicação da libido que introverte. Conforme esse pensamento, a neurose seria resultado da influência da imagem dos pais sobre os filhos, ainda mais que as primeiras impressões da infância acompanham o homem durante toda a vida. A importância que a fase infantil tem sobre o desenvolvimento posterior da personalidade levou a uma busca dos fatores etiológicos da neurose na infância, de modo que os complexos “pai” e “mãe” pareciam compor o que Freud chamou de “complexo nuclear”, e por essa razão a escola psicanalítica estudou até os mínimos detalhes a relação do neurótico com seus pais. Disto, percebeu-se que os doentes de fato viviam, total ou parcialmente, em um certo mundo infantil. O pequeno mundo familiar da criança é um modelo para o grande mundo. Este não é um processo consciente e pode ser até que o doente se considere bem adaptado, já que pode perceber intelectualmente a situação. Mas os afetos dificilmente estão à altura da compreensão, e no neurótico, menos ainda. É comum que não se dê conta de que ainda não renunciou a certas posturas imaturas, que nunca trouxe ao nível da consciência, e que às vezes só aparecem como expectativas e preconceitos emocionais que nutre sem saber (Jung, 1913a/2011).

O tratamento psicanalítico tem por objeto esse campo das fantasias inconscientes infantis, que precisam ser observadas a partir dos efeitos na consciência, cuja origem inconsciente possa ser descrita em termos de simbolismo consciente. Os produtos psicológicos de origem, sentido e finalidade obscuros, ou seja, os fenômenos efeitos de constelação inconsciente, são denominados por Jung de *atos simbólicos* ou *símbolos*. Entram nessa categoria os sonhos e os indicadores de complexos (descobertos nas perturbações ao experimento de associação). Os atos simbólicos das constelações inconscientes são

⁴⁴ À época deste trabalho, as compreensões teóricas sobre a relação entre fantasia e realidade ainda estavam em desenvolvimento e o conceito de *realidade psíquica* ainda não estava organizado e proposto como veio a ser posteriormente.

compreensíveis através do método psicanalítico, que neste caso é comparável ao processo de *análise e síntese históricas*. Como cada momento psicológico tem sua própria história, o analista deve reunir os “paralelos históricos” para cada parte do fenômeno simbólico, procurando primeiramente nas reminiscências pessoais a partir das associações do sujeito. Mas há ainda compreensões para as quais é preciso procurar nas reminiscências da *humanidade*, colocando aquele fenômeno em perspectiva mais ampla na vida do sujeito enquanto ser humano, com um desenvolvimento tipicamente humano (Jung, 1913a/2011).

Essa concepção do método psicanalítico, baseando-se na compreensão própria junguiana de libido e suas fases de desenvolvimento, torna necessária uma revisitação do *complexo de Édipo* postulado por Freud. Seria inadequado compreender a fantasia mais frequentes na infância como complexo de Édipo, porque no inconsciente da criança as fantasias são mais simples que as adultas, assim como o afeto infantil pode ter a mesma intensidade que o afeto adulto, mas sem sua característica sexualidade. As ideias inconscientes da criança podem ser expressas de forma drástica, mas esse caráter drástico é também no geral inofensivo. O intuito assassino na infância, assim como o intuito edipiano em relação à mãe, não tem o mesmo caráter trágico que teria em um adulto. O elemento comum que torna possível a comparação entre as fantasias infantis e o mito de Édipo é a estreita restrição que o destino de Édipo tem à figura de seus pais: “Esta restrição é característica da criança, pois o destino dos adultos não se limita aos pais. Até aqui, Édipo só apresenta um conflito infantil, mas na dimensão da idade adulta” (Jung, 1913a/2011, § 343).

Jung considera que a libido sexual só alcança uma diferenciação verdadeira na puberdade. Antes disso, tem um caráter genital indiferenciado. Assim, o primeiro amor sempre se dirige à mãe, seja a criança do sexo masculino ou feminino, de modo intenso, enquanto o pai é um terceiro elemento que pode ser visto como um rival à medida que se interpõe entre a criança o objeto amado. Nesse estágio, mãe não tem nenhum significado sexual, mas sim um sentido de proteção, acolhimento e nutrição, ou seja, fonte de prazer – de acordo com o estágio. À medida que o indivíduo amadurece, as fantasias se desenvolvem e entram em novos estágios. Quanto mais a sexualidade se desenvolve, mais o jovem é impelido a se separar dos pais, forçado para fora da família para adquirir independência e autonomia (Jung, 1913a/2011).

Essa necessidade de separação é simbolizada pelo *sacrifício*. Para Jung, a fantasia do sacrifício, ao qual a Escola de Viena chamou de forma equívoca de *complexo de castração*, seria uma continuação direta dos complexos infantis e representa a desistência dos desejos e

atitudes infantis. O apego a atitudes antigas é um dos mais frequentes entraves a novos progressos na adaptação psicológica; e é isso que dá ao sacrifício simbólico um papel crucial para a adaptação. As religiões conservam ao sacrifício um lugar especial e costumam oferecer pontes adequadas que conduzem a libido, que se encontra no relacionamento com os objetos infantis, para os representantes superiores (deuses), facilitando a transição do mundo infantil para o mundo adulto. Esse processo torna a libido apta para a função social posterior. Se essa transição da libido não acontecer a contento, o complexo de Édipo dará origem ao conflito e suas perturbações neuróticas.

Jung vê na perspectiva de Freud que o complexo de Édipo nasceria na consciência caso a criança se desenvolvesse livre de influências culturais. E a *barreira do incesto* seria uma correção da realidade sobre o impulso infantil, como um fenômeno psicológico que atua para trás. As proibições ao incesto entre os povos primitivos seriam a prova de que o incesto é realmente desejado, o que levaria à criação de leis contra ele já entre os primitivos. Disto, Freud considera que a tendência ao incesto reprimida é o complexo central da neurose e dele tenta derivar toda a psicologia das neuroses. O caráter patogênico se origina de um conflito provocado pela intensificação, ou uma ativação especial, desses complexos infantis. Isto retira o foco da etiologia dos complexos, e suas reminiscências infantis, e põe no conflito e nas circunstâncias que os provocam (Jung, 1913a/2011).

Procurar a etiologia de um conflito nas reminiscências da infância leva apenas às formas gerais que esse conflito tomou em diferentes momentos, mas não aos próprios conflitos. As reminiscências, no entanto, servem para encenação do quadro patológico e podem simular aparente etiologia. Isso ocorre porque a libido *regressa* para reminiscências que sirvam àquele conflito, ativando-as. Jung chamou de *regressão da libido* esse modo retroativo em que ela se aplica a imagens de estágios anteriores, que acontece quando ela não é conscientemente empregada para o fim visado. Pressupõe-se que há uma finalidade dos atos psicológicos, mas uma finalidade que deve ser vista por uma perspectiva menos consciente e mais pelos resultados psicológicos que estes atos alcançam. A aplicação da libido para o fim a que ela se destina é entendido como *progressão*.

Em suma, a etiologia da neurose tem mais a ver com um conflito entre as tendências de regressão, que se expressão em fantasias “incestuosas” ou “edípicas”, e progressão da libido, em que esta precisa ser aplicada para o fim visado de acordo com a necessidade de adaptação, mas por questões de resistência, acaba regredindo e ativando reminiscências infantis e gerando complicações neuróticas. A libido que recua diante de um obstáculo e não levou a uma autocrítica honesta, nem a uma tentativa comprometida de superar o obstáculo,

recua e substitui a ação real por uma ilusão infantil, causando a desunião interna característica da dissociação. O neurótico troca a reflexão promovida pela introversão por uma atividade fantasiosa mais intensa e estaciona nisso, preferindo o modo de adaptação infantil, por lhe parecer mais fácil. Mas reclamando facilidades infantis, também deve suportar as consequências. Se não estiver disposto a isso, as consequências irão engoli-lo (Jung, 1913a/2011).

Pela concepção de regressão, que Freud admite em seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, a teoria se liberta da formulada importância das vivências infantis, e o conflito atual assume a importância empírica que lhe é devida. Buscar as causas da neurose no passado é se afastar do presente crítico. E é sobretudo no *presente* onde está o conflito, patogênico, e suas reivindicações. As reminiscências infantis podem determinar o elemento formal; mas o elemento dinâmico brota do presente - o que torna essencial o exame do significado do momento atual. O movimento retrógrado da libido também está relacionado a uma necessidade de causalidade, que pode levar a fantasias “retroativas” às quais a *resistência* tentaria evitar.

Quando a análise traça a regressão da libido, nem sempre segue o caminho histórico, mas o de fantasias formadas posteriormente, pois quando a libido se apodera de certas reminiscências, elas vêm elaboradas, transformadas, pois a libido lhes dá vida, dramatiza e sistematiza. Isso também contribui para entender que o surgimento da neurose não se dá pelos materiais das reminiscências, mas pelo estancamento energético provocado por um “momento crítico”. Em um estágio avançado de neurose, a vivência acidental atua junta com a regressão num círculo vicioso: o recuo diante da vivência leva à regressão e a regressão aumenta as resistências contra a vivência. Este círculo vicioso é bastante eficiente em dar a ilusão de causalidade. Há também uma dependência das fantasias, que se transforma em costume e cujo recuo habitual gera uma evidência de que a vida se confirma nas fantasias e não no cumprimento das obrigações – tornando a realidade menos real e interessante, de certa forma (Jung, 1913a/2011).

Sendo a neurose uma tentativa frustrada de cura, as fantasias teriam um caráter duplo: por um lado, a tendência doentia e de resistência; por outro, a tendência de pressa e de tentativa. Jung resume seu ponto de vista sobre a dinâmica de sua concepção energética da libido afirmando que as fantasias aparentemente doentias dos neuróticos “são realmente inícios de espiritualização e procura de novos caminhos de adaptação. O retrocesso para o infantil não significa apenas regressão e estagnação, mas também possibilidade de descobrir

um novo plano de vida. A regressão é, na verdade, uma condição básica do ato de criação” (Jung, 1913a/2011, § 406).

As fantasias exercem grande influência no paciente porque são importantes, ou seja, têm muita libido presa a elas. O objetivo não é arrancar o paciente de suas fantasias “doentias”, e assim perder sua energia aproveitável, mas reconduzir essa energia aos seus objetivos, curativos quando se descobre o sentido dos sintomas. Com o trabalho psicanalítico, a compulsão primitiva que se expressa na regressão da libido ganha sentido e se transforma em *trabalho*. “As fantasias sujas não têm valor. O valioso é a libido, presa a elas, que se torna novamente utilizável após o serviço de limpeza” (Jung, 1913a/2011, § 422). Não há mais motivo para regredir quando a libido assume as tarefas reais de adaptação ao presente e se desgasta na solução delas. Mas pode voltar às profundezas devido à falta de uso. A solução se completa na *ação*.

Todo esse trabalho passa por trazer à tona as fantasias do sujeito. E Freud descobriu, ao longo do desenvolvimento da Psicanálise, que o efeito terapêutico desse processo estava em sua íntima associação à pessoa do analista. O paciente *transfere* ao analista as fantasias que antes estavam ligadas às imagens parentais. Jung trata desta descoberta de Freud como um grande avanço, inclusive pelo seu valor biológico⁴⁵, pois a *transferência* dá ao paciente uma ponte para sair da família e entrar na realidade, uma vez que o analista representaria parte deste ambiente extrafamiliar para o qual o paciente deve ir. Dito de outra forma, a adaptação que o paciente desenvolveu precisa ser redirecionada para o mundo extrafamiliar, no qual sua atitude infantil se mostra inadequada. A inadaptação ao mundo real aumenta as fantasias que cortam ainda mais o paciente do mundo real. A relação com o analista entra como processo de transição, em que a atitude infantil pode ser trabalhada, sem os mesmos riscos que o mundo real oferece para correção dela (Jung, 1913a/2011).

O duplo caráter das fantasias inconscientes aparece também na transferência. É próprio do processo que o paciente identifique o analista como pai, mãe ou alguém familiar, de modo que a pessoa que representa a realidade extrafamiliar tende a ser assimilada como parte do universo infantil subjetivo - o que põe a perder o efeito benéfico inicial e as vantagens que poderiam advir da transferência. É neste sentido que a transferência pode ser um estorvo ao processo analítico, pois assim o paciente continua em sua constelação infantil, forçando seu julgamento subjetivo sobre a realidade. O analista precisa ser reconhecido

⁴⁵ Uma vez que a necessidade de se expandir para fora da família também seria uma necessidade biológica.

objetivamente, como uma pessoa comum, para se tirar o maior proveito possível da transferência.

A importância que a psicanálise dá às fantasias pode levar com que o paciente se entregue com facilidade à análise, ao percorrer de todo o material histórico, mas acabe permanecendo no problema da ação, resistindo a superar sua atitude infantil - com o analista inclusive. Assim, a transferência também se torna uma desvantagem e por isso, Jung vê na *análise da transferência* o grande valor prático da psicanálise. Fazendo uma divisão didática, um primeiro momento do processo analítico corresponde à “descoberta dos complexos”, para o qual Jung faz um paralelo com a instituição religiosa da *confissão*. Assim como na confissão, existe uma satisfação em descarregar “segredos” para alguém que ouve compreensivamente e um efeito de redenção ao se sentir readmitido à comunidade humana. Mas um outro efeito desse procedimento é que surge uma vinculação moral do indivíduo com o confessor - uma relação transferencial (Jung, 1913a/2011).

O valor moral da Igreja e do sacerdote provavelmente esteve em sua capacidade de substituir os pais, libertando as pessoas da estreiteza dos laços familiares. Por meio da confissão, por um lado, reintegra o sujeito ao grupo social quando este deixa de ter um segredo e é redimido pelo poder atribuído ao confessor. Por outro, um método eficiente de orientação e educação para uma boa parte da humanidade que não apenas precisa, mas deseja ser dirigida e tutelada. No entanto, isso se torna ineficiente quando a pessoa precisa ter autonomia moral, que tem sido uma exigência moderna à qual mais e mais pessoas precisam se adaptar. Tendo isso em mente, a psicanálise recusa o desejo infantil do paciente de sempre ter direcionamento e instrução e visa educá-lo a ser independente. É onde entra a análise da transferência, que o sacerdote não precisa fazer. Esta é a segunda parte da análise (Jung, 1913a/2011).

Melhoras iniciais e alívios passageiros favorecem bastante o processo de transferência. Para o neurótico, a paciência do analista pode ser uma situação ideal da qual consegue tirar duplo proveito, porque: satisfaz a necessidade biológica de uma relação extrafamiliar; com alguém que tem por ele uma atenção amorosa particular, sendo assimilado ao hall familiar infantil. Nestas circunstâncias, é compreensível que não queira abrir mão desses proveitos. Começam então a aparecer fantasias que visam manter a vinculação na forma que está. Aqui, as fantasias eróticas têm grande papel como demonstração da impossibilidade de separação. Mas seria um erro considerar que toda adaptação de uma personalidade social passe por indulgência sexual. A pessoa não sendo

constituída apenas como indivíduo, mas também como ser social, tem as duas tendências inerentes à natureza humana e não pode separar uma da outra, ou submeter uma à outra.

Jung (1913a/2011) defende que considerar a transferência como um fenômeno anormal é um erro, que pode acontecer ao se fixar em seus componentes regressivos, e reitera que

Em princípio, temos que considerar a transferência como simples falsificação, uma espécie de caricatura sexual do vínculo social que une a sociedade humana e que também produz as ligações mais íntimas entre pessoas da mesma mentalidade. Esta ligação é uma das condições sociais mais importantes e seria erro cruel recusar esta tentativa social ao paciente. É necessário apenas purificar esta torrente de seus componentes regressivos, de seu sexualismo infantil. Desta forma, o fenômeno da transferência poderá ser transformado no instrumento mais adequado da adaptação (§ 448).

O relacionamento extrafamiliar tem importância vital, pelo fortalecimento da personalidade social indispensável à existência humana, e faz parte de uma adaptação mais elevada que a cultura exige do homem adulto. Enquanto o individualismo seria a expressão da tendência autocentrada, desenvolver uma personalidade social é a realização da tendência social própria ao indivíduo, levando-o a ser um respeitador de normas morais coletivas e impessoais. A autonomia moral própria a uma pessoa adulta passa pela combinação de ambas as tendências, sobre as quais atua o processo de libertação do paciente de sua relação transferencial. Por isso, libertar o doente da relação de transferência exige que ele se supere como poucas pessoas, inclusive normais, conseguiriam.

A maioria das pessoas normais tem a mesma avidez infantil que o neurótico de querer fazer exigências subjetivas aos outros, em uma compreensão imatura sobre o amor. Nas pessoas normais, no entanto, essa avidez não chegaria a um grau tão elevado por causa do cumprimento das obrigações vitais e da satisfação da libido que este cumprimento acarreta. A diferença do neurótico é que ao invés de fazer um esforço de adaptação próprio e especial, que exige alto grau de autoeducação, se mantém fazendo exigências infantis e começa a regatear. As exigências que o paciente faz ao analista podem gerar complicações para este último, que pode entrar em barganhas artificiais para se livrar dessas complicações. Em nenhum outro estágio da análise é tão importante que o próprio analista tenha sido analisado. Caso ele ainda não tenha comprovado em si mesmo os princípios da psicanálise, submetendo-se à uma rigorosa análise nas mãos de outra pessoa, e mantenha ainda um tipo de avidez infantil e inconsciente, jamais terá condições de alertar seus pacientes para isso e

suas exigências inconscientes se identificarão com as exigências do paciente. Apenas se submetendo à análise experimentalará as sensações que ela provoca na psique e é capaz ajudar os pacientes a se tornarem personalidades autônomas e socialmente maduras (Jung, 1913a/2011).

Após quebrar o isolacionismo e a mistificação autoerótica enquanto se empreende a “solução da transferência”, aparece o problema do que fazer com a libido que o paciente retirou da pessoa do analista. Para isto, deve-se deixar a iniciativa e o comando ao paciente e aos seus impulsos, e a análise dos sonhos tem grande papel nesse processo. Uma concepção histórica, junto de uma apreciação do sentido teleológico dos elementos oníricos, pode mostrar as tendências futuras da libido para uma vida cuidadosamente preparada dentro do paciente.

Por fim, resumindo o que vemos nas palestra de Jung sobre sua teoria da Psicanálise, Jung apresentou seu conceito de libido e as formas determinadas a que ele leva de compreender os complexos de Édipo/incesto e castração, e a partir disso, o suíço apresenta sua compreensão dos princípios terapêuticos que passam pela *transferência* e como lidar com ela. Ao assumir uma perspectiva energética da libido, vê as possibilidades de progressão e de regressão como próprias a seu dinamismo, o que imprime aos fenômenos psicológicos um aspecto duplo que só pode ser compreendido ao tratar esses fenômenos como *atos simbólicos*. Essa postura acrescenta ao trabalho analítico o elemento dinâmico, que indica os movimentos da energia e seu desenvolvimento, e relativiza o elemento *formal* do fenômeno psíquico em sua manifestação empírica, que contém as características que mais sofrem juízo de valor. A perspectiva energética também propõe o desenvolvimento da personalidade em estágios característicos para a aplicação da libido, localizando estágios transitórios de desenvolvimento. Na visão de Jung, os fenômenos da transferência, também com seu duplo aspecto, funcionam como “processo de transição” no desenvolvimento pelo qual passa a libido. Uma visão unilateral, ou reducionista, não apenas o empobrece como pode comprometer o trabalho analítico (Jung, 1913a/2011).

Em termos práticos, não parece haver uma grande diferença quanto ao trabalho com a transferência elaborado por Freud, uma vez que a visão sobre ela parte da mesma ideia de que ela representa uma necessidade infantil de parentalidade do paciente. O próprio Freud teve uma reação menos crítica às palestras do que ele próprio esperava (Shamdasani, 2012), reconhecendo que a discussão sobre os princípios terapêuticos e sobre a transferência era mesmo “excelente” (Brabant et al., 1993, p. 505) e que o problema estava nas contradições

internas com o que defendia a Psicanálise, pela desconsideração do complexo de Édipo como fator etiológico.

Em carta a Ferenczi, em 5 de agosto de 1913, Freud critica o tom de “descoberta” que Jung usa em sua apresentação da psicanálise e classifica como “estúpida” a insistência do suíço em considerar a inércia, “uma lei universal ainda mais geral”, como fator etiológico em detrimento do complexo de Édipo (Brabant et al., 1993, p.505). Essa afirmação nos permite conjecturar sobre o quanto Freud compreendeu, ou se negou a assimilar, a mudança epistemológica de foco que a perspectiva energética de Jung trazia, uma vez que nela a questão da etiologia teria menos a ver com um princípio geral e suas manifestações, fosse inércia ou complexo de Édipo, e mais com os processos dinâmicos do desenvolvimento que geram conflitos entre princípios gerais.

3.2 A prática psicanalítica de Jung

Paralelamente aos eventos públicos, conferências, palestras da época - e seus desdobramentos no meio psicanalítico, Jung se correspondia com um colega médico, Dr. R. Löy, que era diretor de um sanatório suíço. A correspondência, que se concentrou nos primeiros meses de 1913, foi reunida e publicada por Löy em 1914 e consta nas Obra Completa como “**Questões atuais de psicoterapia**” (1914/2011). A decisão pela publicação epistolar veio da convicção de Löy de que ali estava uma exposição concisa e compreensível do método psicanalítico e das questões que ele levantava a quem o praticava. As considerações de Jung sobre questões técnicas e, especialmente, sobre a transferência são de fato as mais refinadas em toda essa primeira fase de seu trabalho, talvez pelo tom menos genérico próprio ao texto epistolar e pela interlocução com um colega extremamente focado nas questões práticas.

Löy reconhece um fator comum entre o método catártico, a terapia sugestiva, a hipnose e a psicanálise ao observar o papel que tem a confiança do paciente no médico e questiona se a causa principal da cura não estaria na *fé* no médico, pouco importando o método empregado. A semelhança que vê entre a influência hipnótica e a transferência para o analista o faz pensar se não se propõe apenas a troca de uma coisa pela outra. E admite que não consegue elaborar uma distinção ética entre a *docilidade inconsciente para com o hipnotizador* e a *transferência para o analista*, para abandonar a hipnose com base nessa distinção. A diversidade de casos com que tinha que lidar na instituição, assim como o

próprio funcionamento institucional, levam-no a reconhecer o valor desses métodos sugestivos, principalmente quando o tratamento psicanalítico nem sempre parece viável.

É sua grande dúvida ao longo das cartas o lugar e extensão do fator sugestivo na psicanálise, chamando a atenção para as contradições teóricas que existiam na literatura psicanalítica a respeito da transferência. Um exemplo disso eram os trabalhos psicanalíticos que defendiam que o amor ao analista conduz à cura e que a transferência é condição essencial à psicanálise, como o é na terapia sugestiva. Ao passo que Jung lhe comenta, em uma de suas missivas, o trabalho psicanalítico não seria especular sobre a *fé* do paciente, fosse na sua forma de influência hipnótica fosse na forma de transferência para o analista, mas sim sobre seu *espírito crítico*. A tirar por sua experiência, Löy questiona se o analista que inspira respeito e confiança não levaria o paciente a querer agradá-lo com seu esforço em superar a neurose e pede pelos motivos de Jung ter abandonado as terapias sugestivas.

Jung (1914/2011) admite que se vê mais como um pesquisador do que como um prático, o que lhe dá outra concepção de muitos problemas. Ao omitir as necessidades práticas do médico, ele mostra que os motivos para abandonar a hipnose seriam de outra natureza. Sabendo quais as forças psíquicas básicas que atuavam na hipnose, decidiu abandoná-la para eliminar todas as vantagens indiretas desse método. Descrevendo três situações de sucesso terapêutico com o uso de hipnose e sugestão, Jung afirma que criar uma psicoterapia com consciência científica não poderia se basear em manipular forças psíquicas com truques de mágica, como parecia acontecer com a hipnose. De fato, a boa vontade inconsciente para com o hipnotizador e a sugestionabilidade podem mudar de grau, mas se fazem sempre presentes e seria necessário admitir que o fator sugestivo é um fenômeno muito maior e mais relevante do que se admitia até então no campo psicanalítico. O médico pode atrair para si essas forças básicas, que se manifestam como influência hipnótica ou transferência, e pela inevitabilidade dessa sugestão, defende que os médicos e analistas cuidem da própria personalidade. Tanto porque é a partir dela, antes de mais nada, que ele *age*, como porque é de sua ética pessoal que ele pode atuar sobre essa sugestionabilidade. Sobre essa questão, ele resume

É preciso dar plena atenção ao fator sugestivo, mas não devemos ir longe demais. O paciente não é um saco vazio onde podemos enfiar tudo o que queremos; ele traz consigo seus próprios conteúdos que se defendem contra a sugestão e que procuram se impor. A “sugestão” analítica apenas altera a expressão, não o conteúdo – como pude constatar frequentes vezes. A expressão, é o mutável sem limites, mas o conteúdo é firme e só atingível com o tempo e dificilmente. Se não

fosse assim, a terapia sugestiva seria a mais eficaz, gratificante e fácil – uma verdadeira panaceia. Mas infelizmente não é assim, como o reconhecem todos os hipnotizadores honestos (Jung, 1914/2011, § 648).

Ao compreender que no centro da neurose havia uma espécie de *conflito moral*, Jung passou a procurar os fundamentos e a solução *racional* do conflito e foi aí onde entrou a psicanálise, mesmo mantendo sua reserva quanto ao sentido da sexualidade. Para ele, a psicanálise é um método que torna possível a “*redução analítica de conteúdos psíquicos a sua expressão mais simples, e descobre a linha de menor resistência no desenvolvimento de uma personalidade harmoniosa*” (Jung, 1914/2011, § 623, grifo do autor), uma terapia racional que busca lidar com as tendências que impedem a adaptação psicológica. Mas um método que se orienta por princípios gerais e normas de trabalho, que não possibilita estabelecer um programa de aplicação.

A *linha de menor resistência* não deve ser confundida com a ideia de preguiça ou inércia. Ela é um compromisso com todas as necessidades que colocam no caminho de desenvolvimento, não sendo sinônimo de busca implacável por prazer e recusa absoluta ao desprazer. Mais precisamente seria o justo equilíbrio entre o prazer e o desprazer. Jung critica a visão de homem que o considera um feixe de instintos egoístas, pois reconhece também a disposição inata para seguir uma lei social que ele carrega dentro de si. Para que a psicanálise seja esse método de retirada de obstáculos do caminho da natureza, deve renunciar a qualquer tentativa de direcionar o paciente, realçando vem à luz com a análise para que ele veja com clareza e tire suas próprias conclusões de como proceder. Assim, acolhe-se também os caminhos aparentemente errôneos, necessários para que o paciente adquira suas próprias convicções e a autonomia moral buscada (Jung, 1914/2011).

As afirmações feitas na literatura psicanalítica sobre transferência podem confundir o que seria simplesmente constatação de fatos - o amor ao analista leva à cura – com um princípio normativo, tornando-o objetivo da terapia. E o objetivo da terapia não é a transferência, mas educar o paciente a ficar bom por si mesmo e por determinação própria. Não para proporcionar vantagens ao analista. Ter como objetivo evitar que o paciente estabeleça esse amor, ou curá-lo desse amor, mantém o problema. Por princípio de trabalho, o paciente precisa saber o que está fazendo e isto é tudo. Não se deve prescrever o caminho pelo qual ele será curado, se pelo amor ao analista ou não. Assim, a transferência é apenas um fato a ser constatado, e o psicanalista não trabalha com ela, “*mas contra ela e apesar dela*” (Jung, 1914/2011, § 601, grifo do autor). Neste ponto, Jung acha necessário acrescentar uma nota que define esta transferência a que se referiu em seu sentido freudiano, como

transferência de fantasias infantis e sexuais para o médico. E esclarece que “uma concepção mais avançada de transferência reconhece nela o importante processo da intuição que se serve, sobretudo, de análogos infantis e sexuais” (§ 601ⁿ).

Por fim, Jung explica de maneira aprofundada e clara suas concepções acerca da transferência, após perceber a importância que Loÿ dava ao tópico. Reconhece que a transferência seria, no momento, o problema central da análise, tratando-a como uma questão cultural do nosso tempo e relacionando-a com a tendência cultural de busca por individualização. Ao falar do processo de modificação da transferência rumo a uma autonomia moral, Jung explica que algumas pessoas têm como destino transformar a moral vigente na cultura e acaba demonstrando como isso passa pelo processo de transferência.

As diferentes “expressões” do conteúdo da transferência têm como fator determinante o relacionamento do paciente com a autoridade e, sob esta concepção, a transferência atua como resistência diante da questão de resolver a atitude infantil. Se esta forma de transferência se mantém, se mantém a relação infantil com a autoridade e é por isto que *esta* forma deve ser destruída, uma vez que o objetivo da análise é a autonomia moral do paciente. Cultivar o causalismo científico leva a assumir apenas o elemento hostil da transferência, o que estaria culturalmente ultrapassado numa civilização cuja tendência é a busca por individualização. Olhar retrospectivamente para a transferência não faz jus a todos os casos, principalmente aos que seriam portadores de novos ideais culturais. O desejo de se livrar de uma relação conservadora com a autoridade pode ser uma insubordinação infantil ou um progresso essencial em direção à cura. A transferência tem que ser encarada de acordo com cada caso (Jung, 1914/2011).

Para exemplificar essa questão, Jung complementa a perspectiva de Freud com a de Adler, para mostrar que enquanto há neuróticos que o são por sua insubordinação infantil, há neuróticos que o são por sua obediência infantil. Estes últimos se mantêm neuróticos enquanto se curvam perante a autoridade e a uma moral impessoal e recusam a liberdade à qual foram destinados. Os insubordinados que não conseguem ainda se adequar à autoridade ganham com uma transferência positiva, enquanto uma transferência negativa seria um retrocesso, pelo aumento de insubordinação, e uma fuga de suas obrigações vitais. Já os “obedientes infantis” (Jung, 1914/2011, § 659) ganham em se livrar de uma relação conservadora com a autoridade, e uma transferência negativa seria um progresso, enquanto uma transferência positiva, um retrocesso. A psicologia de Adler foi a referência de Jung para estes dois tipos de pessoas.

A definição teórica que Jung dá é de que a transferência é um processo psicológico em que o analista representa um valor emocional, por uma “ocupação libidinal” que sua personalidade recebe do paciente. As aspas são do próprio Jung, que acha necessário explicar sua concepção de libido como “mais ou menos o que os antigos entendiam pelo princípio cosmogônico de *Eros*, ou, na linguagem moderna, o que se entende por “energia psíquica” (Jung, 1914/2011, § 661). Sob essa concepção, entende-se que, inclinando-se para o analista ou a ele se opondo, o paciente está ligado a ele e desta forma é levado a sentir junto. Mais do que a simples projeção de fantasias erótico-infantis, a transferência é um processo de *empatia e adaptação*. A empatia age instintivamente, fora do controle do discernimento consciente. E as fantasias erótico-infantis

apesar de seu inegável valor real, aparecem mais como material de comparação ou imagens analógicas de algo ainda não compreendido do que como desejos autônomos. Esta me parece a razão fundamental de serem inconscientes. O paciente que ainda não conhece a atitude correta procura, por via da comparação analógica, abarcar o perfil da relação certa com o analista, usando seu material de experiência infantil (Jung, 1914/2011, § 662)

Isso porque a relação com o analista é uma relação muito peculiar já que é uma relação íntima, mas que difere da relação sexual e da relação da criança com os pais, e desafia o indivíduo a uma nova adaptação psicológica.

O cristianismo, ao estabelecer a relação da criança com os pais como fórmula simbólica do relacionamento humano em geral, dá um exemplo de como restaurar uma relação puramente humana ao retirar a valorização sexual - que tem o poder de anular uma relação direta, puramente humana, levando a um estancamento da libido e a formações neuróticas. Ser trazido de volta à lembrança da relação infantil é uma tentativa de busca por analogia e essa relação despida de suas qualidades infantis proporciona um quadro do relacionamento puramente humano, para além da valorização exclusivamente sexual. O processo emocional que ocorre na transferência serve de ponte para a conscientização do paciente quanto à própria atitude, seja da inadequação de sua atitude diante das exigências da vida ou diante da própria personalidade, seja do caráter infantil de sua relação, para que veja o caminho para fora desses valores que adquiriu e foram reforçados pelos preconceitos sociais (Jung, 1914/2011).

A concepção própria que Jung apresenta para a transferência a vincula a um compromisso com as demandas feitas ao sujeito por suas próprias tendências e determinantes “biológicas”, inclusive aquelas que produzem cultura no homem. Compreende-se que as

formas de moralidade são essencialmente transitórias e, nessas circunstâncias, é mais do que necessário que se tenha autonomia moral para se produzir nova cultura. Não se pode considerar a cultura como *reação* ao ambiente, de forma puramente causal. As causas externas têm um papel na reação, mas respondem no máximo por metade da reação psicológica. A outra metade dessa reação se deve aos atributos e determinantes peculiares da própria psique, que não apenas reage. A psique dá sua resposta própria às influências que atuam sobre ela, externas e internas. Isso explica muitos casos de neurose, que se dão porque as pessoas não reconhecem a tarefa cultural a qual são convocadas. Para Jung (1914/2011), “o neurótico é doente não porque perdeu sua antiga fé, mas porque não encontrou ainda uma nova forma para suas melhores aspirações” (§ 669).

O conteúdo da correspondência de Jung com Löy ampliou com sutil profundidade as declarações públicas que Jung vinha fazendo a respeito da psicanálise. Sua revisão da teoria psicanalítica teve uma recepção muito favorável nos meios intelectuais médicos, principalmente entre os que ainda tinham dificuldades com o problema da sexualidade da neurose. No entanto, os freudianos tinham grande receio do impacto dessas revisões junguianas, ainda mais pelo status de Jung como presidente da Associação Psicanalítica Internacional, justamente por se aproximarem muito das posições defendidas pelos críticos da Psicanálise (Shamdasani, 2012). De fato, em outra palestra da mesma época⁴⁶, Jung apresentou um resumo de suas revisões da psicanálise, chegando a observar que os pontos de vista que estava apresentando sobre a etiologia das neuroses reconciliavam os pontos de vista de Freud com os de Pierre Janet (Jung, 1916/2011). Muitas das articulações feitas por Jung em sua revisão da psicanálise se tornaram princípios centrais de sua teoria posterior, ao passo que o mundo psicanalítico de hoje não teria muitos problemas com elas. Para Shamdasani (2012) a crítica de Jung desafiou Freud a lidar com as consequências de suas próprias limitações, levando-o a realizar suas próprias revisões teóricas. O estremecimento das relações pessoais e alianças políticas, rastreável na correspondência trocada entre os dois (McGuire, 1976), levou com que as diferenças teóricas fossem apresentadas como justificativas racionalizadas para o rompimento, em 1913.

3.3 Psicologia Analítica

⁴⁶ Conferência ministrada no 17º Congresso de médicos, em Londres, em 1913 sob o título “On Psychoanalysis” (*Sobre a psicanálise*, OC 4).

O Congresso Psicanalítico de Munique que aconteceu em setembro de 1913 foi o último evento psicanalítico relevante do qual Jung participou, já após seu rompimento pessoal com Freud. Nele, Jung apresentou uma conferência intitulada “Contribuição para o estudo dos tipos psicológicos”, que consta nas Obras Completas como “**A questão dos tipos psicológicos**” (1913c/2011). Neste trabalho, Jung leva sua compreensão sobre a libido a uma outra discussão, que aborda as possibilidades de atitude psicológica do indivíduo ao se relacionar com os objetos. Partindo das diferenças entre histeria e esquizofrenia, fornece uma série de exemplos que dariam testemunho da existência de dois tipos humanos baseados na prevalência do mecanismo ou de extroversão ou de introversão - as duas direções opostas que a libido pode tomar para orientação da consciência.

A *extroversão* se caracteriza por um movimento centrífugo da libido, como quando o indivíduo volta seu interesse todo para o mundo externo, para o objeto, dando-lhe muito valor e importância. Já a *introversão* seria um movimento centrípeto, em que o mundo objetivo fica ofuscado, recebendo pouca atenção, enquanto o sujeito e seu processo subjetivo se torna o centro de seu próprio interesse. Os dois modos psíquicos podem ser encontrados em um mesmo indivíduo, mas um ou outro pode predominar, caracterizando uma atitude típica. Esse traço típico poderia inclusive preceder uma neurose que se configuraria por um exagero dele. A exemplo, a histeria costuma ter uma intensidade de relacionamento com o objeto acima do normal, aferrando-se aos objetos para esquecer ou desvalorizar um conteúdo subjetivo (que pode ser doloroso). Na esquizofrenia, por outro lado, o nível normal de relação com o objeto não chega a ser alcançado, a libido se direciona ao complexo, libertando e isolando a personalidade da realidade (Jung, 1913c/2011).

Os mecanismos extrovertido e introvertido podem ainda ser classificados como *regressivo* quando ideias delirantes, a níveis mórbidos, adulteram o juízo de valor do paciente sobre os objetos e sobre si mesmo. Para Jung, o que Freud chamou de *transferência* é um exemplo de extroversão regressiva, pois o histérico projeta ilusões e julgamentos subjetivos no objeto. Já o fenômeno inverso, de introversão regressiva, ocorreria quando representações fantásticas atingem o sujeito esquizofrênico, apartando-o do mundo externo.

Após aplicar essa classificação tipológica ao campo da psicopatologia, da filosofia, da estética e da linguística, Jung a admite também na psicologia analítica, defendendo a criação de uma psicologia que faça justiça aos dois tipos que ele apresenta, e coloca as teorias de Freud e Adler lado a lado, como representantes de uma teoria extrovertida e uma teoria introvertida, respectivamente. Apresentando-as, Jung (1913c/2011) observa que

uma teoria que é essencialmente reductiva, pluralista e causalista. É a teoria de Freud que, estritamente limitada ao empírico e reduzindo o complexo ao mais primitivo e ao mais simples, entende o psicológico em grande parte como reação e dá ao momento da sensação a maior importância. Do outro lado, temos a concepção diametralmente oposta de Adler. Sua teoria é totalmente intelectualista, monista e finalista. Aqui os fenômenos não são reduzidos ao mais primitivo e ao mais simples, mas considerados como “arranjos”, como resultados de intenções e propósitos de natureza mais complexa. Em vez da causa eficiente, temos aqui a causa final, por isso a história anterior e as influências concretas do meio ambiente recebem pouca atenção em vista dos princípios determinantes, das “linhas diretrizes fictícias” do indivíduo. Aqui não é fundamental a procura do objeto e o usufruto de prazer subjetivo no objeto, mas a garantia do poder do indivíduo contra as influências hostis do meio ambiente. O tom fundamental da psicologia de Freud é a procura centrífuga do prazer no objeto, ao passo que o tom fundamental da psicologia de Adler é a procura centrípeta do sujeito, de seu “estar acima”, de seu poder e sua libertação das forças opressoras da vida. A explicação do tipo descrito por Freud é a transferência infantil de fantasias subjetivas para o objeto como reação compensadora das dificuldades da vida, ao passo que a explicação do tipo descrito por Adler é a “garantia”, o “protesto masculino” e o fortalecimento obstinado da “ficção diretiva” (§ 949).

A perspectiva energética que permite a Jung tratar da questão dos tipos de atitude em relação ao objeto nos parece um elemento a ser acrescentado à sua apreciação da transferência. Ela relativiza a concepção freudiana, inclusive se referindo a Freud para sinalizar o tipo de transferência de que está falando⁴⁷. Como pode ser visto na discussão anterior, em “Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica”, Jung considera que o que Freud, em sua atitude reductiva, concebeu como transferência é *uma* faceta do fenômeno, que enfoca justamente as manifestações que devem ser purificadas de seu subjetivismo para que o analista seja visto objetivamente - o que não deixa de ser ainda transferência, para Jung. Vale ressaltar que os estudos sobre tipologia iniciados aqui se desenvolveram largamente, passando por refinamentos, até resultarem na publicação de *Tipos Psicológicos*, em 1921.

Ao final do ano 1913, Jung iniciou um período intenso de autoinvestigação, depois de ter tido sonhos impressionantes após seus reposicionamentos no movimento psicanalítico. Suas experiências nesse processo compõem o núcleo de seu *Liber Novus*, O Livro Vermelho,

⁴⁷ Em trabalhos posteriores, ao longo da obra de Jung, é possível encontrar frequentemente a referência nominal a Freud quando usado o termo *transferência*, com essa função de delimitar uma perspectiva para se ver o fenômeno, como pudemos ver também na análise do texto anterior.

e que formaram a base de seu trabalho posterior, com direções radicalmente diferentes das tomadas até então.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um trabalho historiográfico para traçar o "surgimento" do termo *psicoterapia*, Shamdasani (2001) identifica o processo de instituição do termo ao longo do próprio desenvolvimento da psicoterapia enquanto disciplina própria, demonstrando o campo diverso e multifacetado dos procedimentos que foram unificados sob o mesmo manto. Segundo o autor, a palavra "psicoterapia" surgiu no contexto da hipnose e ao mesmo tempo que a disseminação das diversas práticas de "terapêutica mental" contribuiu para disseminação do termo "psicoterapia", este passou a ser usado para se diferenciar daquelas práticas em declínio no final do século XIX. A longevidade da psicoterapia se deveu principalmente à sua efetividade em formular e tratar novas desordens psicológicas. Nesse processo, Freud inventou seu próprio termo *psicanálise*, também com a intenção de delimitar sua própria prática e destacá-la do movimento psicoterapêutico.

Shamdasani (2001) argumenta que o processo de constituição da Psicanálise, que começa com a defesa insistente de sua nomeação por parte de Freud, se dá por um desenvolvimento de *propriedade* sobre o conhecimento psi, em contraste ao desenvolvimento predominantemente de "código-fonte aberto" (p. 16) do movimento psicoterapêutico até então. Com isso, a psicanálise reivindicaria para si um legado que originalmente estaria naquele movimento mais amplo. Isto obscurece a contextualização de seu desenvolvimento, não faz justiça às suas referências anteriores e influências contemporâneas e contribui para que a história da psicoterapia, assim como a da psicanálise, seja identificada com Freud, como seu fundador único.

Dentre o léxico das psicoterapias, poucos termos remetem mais à psicanálise do que *transferência*. Compreender um pouco do contexto de elaboração, e o quanto Jung esteve imerso nele, instaura bases sólidas sobre as quais se pode amadurecer não só a compreensão junguiana de transferência, mas também a concepção geral de psicologia e de psicoterapia na Psicologia Analítica.

Jung preocupava-se com o delineamento de uma psicologia geral e via no diálogo com variadas abordagens a possibilidade de expandir a retratação dos fenômenos humanos, sendo a demarcação de um campo próprio e exclusivista uma preocupação menor. Além do diálogo com o trabalho de outros colegas, Jung buscava também fontes de outros campos de conhecimento, como a filosofia, biologia, história das religiões, mitologia e alquimia, na intenção de abordar o fenômeno psicológico por várias perspectivas, ampliando a sua

própria⁴⁸. Entretanto, ele não fazia uma simples transposição das ideias que buscava nessas outras fontes, mas as transformava. E mesmo os seus próprios conceitos, ele os criava a partir de diversas noções existentes anteriormente (Henriques, 2015). Essa forma de produzir conhecimento também levou ao movimento “espiral” na elaboração de sua obra, com as revisões de propostas iniciais ao longo do tempo e sua amplificação a partir desse diálogo extensivo.

Apesar de não termos creditação direta de Jung ao texto de Pierre Janet sobre *influência sonambúlica*, a profunda preponderância do trabalho janetiano na atitude científica de Jung nos leva a apostar que as semelhanças que encontramos entre os autores neste tema não seriam mera coincidência. A referência à escola francesa representada por Janet é permanente. Em 1911, Jung (1911/2012) lamenta a falta de abertura germânica aos estudos franceses e considera que faria grande diferença a leitura de Binet, Janet e Flournoy na Alemanha. Em 1913, ele considera que sua perspectiva energética quanto à etiologia das neuroses, qualificando-as como tentativas fracassadas de adaptação, reconcilia pontos de vista de Janet e Freud (Jung, 1916/2012).

Janet era crítico à psicanálise e discordava completamente quanto ao fundamento exclusivamente sexual da psique. Na sua concepção sobre o *rapport magnético*, a influência sonambúlica estaria subsumida à uma *necessidade de direção* e os afetos despertados vinculavam a pessoa ao hipnotizador sob matizes variadas, que não se restringiam ao instinto sexual, pois considerava inadequado que todos os sentimentos sociais fossem ligados a tal instinto. Vimos que Jung manteve as mesmas discordâncias, argumentando justamente a partir de sua concepção das funções psicológicas aprendidas com Janet: a *função do real* não poderia ser idêntica ao interesse erótico. Sua concepção de transferência deste período também a atrela a uma necessidade instintiva de interação social.

A modificação junguiana no conceito de libido teve papel central na sua compreensão da transferência e também resultou daquela amplificação pelo diálogo com outros campos. Com sua perspectiva energética calcada em uma ideia de desenvolvimento típico da personalidade, cuja estrutura análoga seria o mito do herói e suas imagens primordiais, o ponto de vista redutivo causal passou a servir a um propósito finalístico de interpretação. A transferência também seria um fenômeno típico daquele processo com bases filogenéticas (posteriormente compreendido sob os termos arquetípicos). E em termos de

⁴⁸ Uma característica que acabou por distinguir a Psicologia Analítica de outras correntes teóricas do início do século XX (Henriques, 2015)

desenvolvimento, seria análoga a uma etapa de transição. Os fenômenos vistos como *simbólicos* exigiram que Jung apresentasse um método para o trabalho que estava propondo. Para suplementar o método de interpretação redutiva, ele desenvolveu o método *sintético* ou construtivo.

No método sintético junguiano, a redução à causalidade infantil é um passo necessário no processo de descobrir o significado, considerando que as causas são entendidas como meios para um fim. De outro modo, não se compreenderia o propósito do ato psicológico a ser interpretado. Steinberg (1988) opina que junguianos têm uma tendência a má compreensão desse aspecto redutivo da interpretação, principalmente ao identificá-lo como freudiano, quando ele tem um caráter diferenciado no método de Jung. Neste, a perspectiva redutiva está em função de uma certa visão de desenvolvimento da personalidade⁴⁹. Tal proposta dá um fundamento teórico geral - mais abrangente que uma teoria sexual - ao processo psicoterapêutico. O drama individual não é tão individual assim e saber o elemento coletivo que está no cerne do conflito pode ajudar o sujeito a se orientar, não pelo analista, nem pelo acaso se confiando apenas a si mesmo. Mas por um fundamento psíquico objetivo que jaz em seu interior.

Precisamos considerar ainda um risco apontado por Shamdasani (2011) que ocorre quando um estudioso se fixa nos conceitos junguianos quando utilizados nas primeiras décadas de seu trabalho, privilegiando uma definição estanque e descontextualizada. Esse período é ainda bastante focado em uma perspectiva clínica, da qual a partir de resultados da técnica, se desenvolveria uma nova ciência psicológica (Jung, 1913b/2012). Posteriormente, Jung propõe uma visão mais ampla da psicologia, o que complexifica as discussões no âmbito da clínica.

Na presente dissertação, temos o ponto de partida e primeira formulação teórica sobre a transferência, que nos permite compreender que afirmações contraditórias sobre o tema têm a ver com os contextos em que elas foram proferidas. Principalmente porque as contradições que aparecem dizem respeito à opinião de Jung sobre o *valor* da transferência (Steinberg, 1988), ou seja, em termos práticos. Em contextos em que os interlocutores são em grande número psicanalistas, ou ainda porque o conceito em si é profundamente vinculado ao campo da psicanálise, podemos supor uma dificuldade de compreensão mútua

⁴⁹ O que nos leva a refletir sobre a recorrência à psicanálise como uma parte teórica para certa lacuna “desenvolvimentista” na teoria clássica de Jung, já que o próprio parecia usá-la nessa compreensão de redução infantil, mas fazendo a partir de seus próprios pressupostos.

por conta de pressupostos diferentes entre Jung e o público⁵⁰. Pudemos ver que com sua reformulação do conceito de libido, os fundamentos teóricos de sua psicologia tomaram um rumo próprio - bastante exigente em termos teóricos pela abstração necessária, e em termos práticos pela necessidade de amplificação.

Outro motivo é a postura de Jung quanto a discussões sobre a técnica. Como visto em seu diálogo com Löy, no capítulo 6, ele resistia a discutir aspectos técnicos, resguardando-se no argumento de que seu método psicanalítico não permite estabelecer um programa de aplicação. Outra parte de sua reserva pode ser também por sua preocupação quanto aos efeitos sugestivos de uma relação terapêutica que poderiam aparecer na apresentação de suas teorias. Na opinião de Jung, ele não poderia apresentar seu trabalho com pacientes como prova de suas teorias, pois tal trabalho estaria aberto à acusação de que os fenômenos em questão eram devidos à sugestão. Isso levantou os problemas de como estabelecer a prova para suas teorias e como apresentá-las. A solução tomou a forma de um estudo comparativo histórico e transcultural do processo de individuação - principalmente, em seu estudo de alquimia, para demonstrar que em outras culturas os fenômenos que ele estava observando não eram produtos artefatos de suas sugestões (Shamdasani, 2001).

Um argumento a favor dessa consideração é a imensa diferença de estilo entre os escritos, originalmente pensados para publicação, e os seminários e textos epistolares. E por fim, não podemos descartar questões emocionais pessoais de Jung com esse tema e sua seara (Steinberg, 1988; Wiener, 2009), bem como sua própria disposição tipológica, que como vimos, interfere nas formas de estabelecer relação com o objeto.

Por fim, achamos necessário fazer algumas considerações sobre a natureza da presente dissertação. A pesquisa teórica tem um caráter de artesanania bastante desfavorecido pelo clima acadêmico contemporâneo. Por outro lado, é fundamental para um campo fragmentado como a psicologia, cujas desagregações costumam ser basicamente de natureza teórica. Os fenômenos psíquicos são por si mesmos de uma complexidade que desafia toda teorização sobre eles e a falta de compreensão adequada de uma teoria pode criar um ciclo vicioso de lacunas falsas que geram novas teorias, que por sua vez também são incompreendidas (Lopes, 2016).

Esta dissertação se propondo como um estudo preliminar, reconhece sua contribuição como relativamente pequena diante da teoria que propôs estudar, sem perder de vista a contribuição que oferece para futuras compreensões sobre um tema tão complexo. A

⁵⁰ Como as Conferências de Tavistock, em 1935.

principal limitação de nossa pesquisa advém de seu recorte temporal, que deixou de fora o desenvolvimento progressivo do conceito na obra.

Por este motivo, como sugestão de estudos futuros, vemos uma continuação lógica desta dissertação na investigação do processo de evolução do conceito de transferência ao longo da obra, a fim de apurar sistematicamente os enriquecimentos que Jung promoveu em torno deste conceito com seu método peculiar de produção de conhecimento em espiral, principalmente a partir do desenvolvimento de sua teoria da *projeção* refinada por seus estudos alquímicos. Um exemplo de evolução posterior, a título de motivação, pode ser visto quando Jung compreende que o relacionamento com o objeto é necessário não apenas pela interação social, como ele apresentou em sua primeira formulação sobre transferência⁵¹, mas pela necessidade psíquica de projeção sobre um objeto.

Outro empreendimento possível é uma revisão sistemática da literatura acerca da transferência em Psicologia Analítica, em que se possa avaliar a apropriação do conceito pelos autores posteriores em relação com os fundamentos e princípios formulados por Jung, no que se poderia analisar o espectro alcançado pela ideia. Pois acreditamos que para nos aproximar de uma verdade relativamente definitiva, precisamos de um concerto de muitas vozes⁵².

⁵¹ Como vimos no capítulo 3.

⁵² Jung, 1949, em prefácio ao livro de Neumann: “História da Origem da Consciência”.

REFERÊNCIAS

Bissoli, S. da S. P. (2006). O conceito de transferência nos “Estudos sobre a histeria” (Breuer & Freud, 1895). *Paidéia*, 16(33), 19–23.

Blaser, J. G. (2015). *Multiplicando a consciência: A dissociação e suas conseqüências segundo Pierre Janet*. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Brabant, E., Falzeder, E. & Giampieri-Deutsch, P. (1993). *The correspondence of Sigmund Freud and Sandor Ferenczi, volume 1, 1908–1914* (Vol. 1). Harvard University Press.

Branco, P. C. C., & Barrocas, R. L. L. (2012). O método histórico-crítico e a pesquisa epistemológica em psicologia: Uma perspectiva de Jean Piaget. *Memorandus*, 22, 40–51.

Brown, P., Macmillan, M. B., & Meares, R. (1996). Janet and Freud: Revealing the roots of dynamic psychiatry. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 30, 480–491. <https://doi.org/10.3109/00048679609065021>

Chertok, L. (1968). The discovery of the transference: Towards an epistemological interpretation. *The International Journal of Psychoanalysis*, 49, 560–576.

Clarke, J. J. (1993). *Em Busca de Jung: Indagações Históricas e Filosóficas*. Edioro

Ellenberger, H. F. (1970a). The Discovery of the Unconscious—The history and evolution of dynamic psychiatry. Em *Fontana press* (Vol. 1, p. 932). <https://doi.org/10.3138/cjcc.13.1.91>

Ellenberger, H. F. (1970b). This Discovery of the Unconscious—The history and evolution of dynamic psychiatry. Em *Fontana Press* (Vol. 1). <https://doi.org/10.3138/cjcc.13.1.91>

Ferenczi, S. (1909/1991). Transferência e Introjeção. Em: *Psicanálise I: Obras completas* (M. Fontes, Org.; p. 250). Martins Fontes.

Freud, S. (1895/2016). Estudos sobre a histeria. Em: *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer*. Companhia das Letras.

Freud, S. (1900/2016). *Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900) em coautoria com Josef Breuer*. Companhia das Letras.

Freud, S. (1904/2016). O método psicanalítico de Freud. Em: *Obras completas, volume 6:*

Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Companhia das Letras.

Freud, S. (1905/2016). Análise Fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905 [1901]). Em: *Obras completas, volume 6: Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)*. Companhia das Letras.

Freud, S. (1912/2016). A dinâmica da transferência. Em: *Obras Completas, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Companhia das Letras.

Gravitz, M. A. (2004). The Historical Role of Hypnosis in the Theoretical Origins of Transference. *International Journal of Clinical and Experimental Hypnosis*, 52(2), 113–131. <https://doi.org/10.1076/iceh.52.2.113.28096>

Hannah, B. (2003). *Jung: vida e obra - uma memória biográfica*. Artmed

Haule, J. R. (1984). From somnambulism to the archetypes: The French roots of Jung’s split with Freud. *Psychoanalytic review*, 71(4), 635–659.

Haule, J. R. (1986). Pierre Janet and dissociation: The first transference theory and its origins in hypnosis. *American Journal of Clinical Hypnosis*, 29(2), 86–94. <https://doi.org/10.1080/00029157.1986.10402690>

Henriques, V. de F. (2015). *Considerações acerca do conceito de psiquificação na obra de Carl Gustav Jung*.

Janet, P. (1897). L’Influence somnambulique et le besoin de direction. *Revue Philosophique de la France et de l’Étranger*, 43, 113–143.

Jung, C. G. (1902b/2011). Sobre a psicologia e patologia dos fenômenos chamados ocultos. In: *Obra Completa, vol 1: Estudos Psiquiátrico*. Vozes.

Jung, C. G. (1902b/2011). Um caso de estupor histérico em pessoa condenada à prisão. In: *Obra Completa, vol 1: Estudos Psiquiátrico*. Vozes.

Jung, C. G. (1905/2011). Psicanálise e o experimento de associação. Em: *Obra Completa, vol 2: Estudos Experimentais*. Vozes.

Jung, C. G. (1906a/2011). Associação, sonho e sintoma histérico. Em: *Obra Completa, vol 2: Estudos Experimentais*. Vozes.

Jung, C. G. (1906b/2011). A psicologia da *dementia praecox*: um ensaio. Em: *Obra Completa, vol 3: Psicogênese das doenças mentais*. Vozes.

Jung, C. G. (1908/2011). A teoria freudiana da histeria. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1909/2011). A constelação familiar. Em: *Obra Completa, vol 2: Estudos Experimentais*. Vozes.

Jung, C. G. (1910a/2011). Contribuição à psicologia do boato. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1910b/2011). Resenhas das obras psicológicas de autores suíços. Em: *Obra Completa, vol 18/1: A Vida Simbólica*. Vozes

Jung, C. G. (1911/2011). Morton Prince M.D. “The Mechanism and Interpretation of Dreams”: Resenha crítica. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes

Jung, C. G. (1913a/2011). Tentativa de apresentação da teoria psicanalítica. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1913b/2011). Aspectos gerais da psicanálise. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1913c/2011). A questão dos tipos psicológicos. Em: *Obra Completa, vol 6: Tipos Psicológicos*. Vozes.

Jung, C. G. (1914/2011). Questões atuais da psicoterapia - Correspondência entre C.G. Jung e R. Loÿ. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1916/2011). Sobre a psicanálise. Em: *Obra Completa, vol 4: Freud e a Psicanálise*. Vozes.

Jung, C. G. (1935/2011). Fundamentos de Psicologia Analítica [Tavistock Lectures]. Em: *Obra Completa, vol 18/1: A Vida Simbólica*. Vozes.

Jung, C. G. (1946/2011). A psicologia da transferência. Em: *Obra Completa, vol 16/2: Ab-*

reação, análise de sonhos e transferência. Vozes.

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1991). *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes.

Lopes, C.E. (2016). Relações entre pesquisa teórica e pesquisa empírica em psicologia. Em: Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araújo, S. de F. (2016). *Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos*. Em C. Negrão (Org.), *Hogrefe CETEPP*.

Laurenti, C., Lopes, C. E., & Araújo, S. de F. (2016). Pesquisa teórica em psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos. Em C. Negrão (Org.), *Hogrefe CETEPP*.

Makari, G. J. (1994). Toward an intellectual history of transference: 1888-1900. *Psychiatric Clinics of North America*, 17(3), 559–570.

Martinez, M. D., Alves, T. P. R., Maraldi, E. de O., & Zangari, W. (2021). As Influências de Théodore Flournoy para a Construção da Psicologia de Carl Gustav Jung. Em *Outra metade de mim, outra metade de nós*. Mosaico Design Gráfico.

McGuire, W. (1976). *Freud/Jung Correspondência Completa*. Imago.

Minerbo, M. (2020). *Transferência e contratransferência*. São Paulo: Blücher.

Monahan, P. A. (2009). C.G. Jung: Freud's heir or Janet's? The influence upon Jung of Janet's dissociationism. *International Journal of Jungian Studies*, 1(1), 33–49. <https://doi.org/10.1080/19409050802681876>

Piaget, J. (1980). Os Métodos da Epistemologia. Em *Lógica e Conhecimento Científico* (Vol. 1). Livraria Civilização.

Pieri, P. F. (2002). *Dicionário Junguiano*. Vozes.

Rabelo, F. C., & Dias, R. R. (2013). A transferência: Dos primórdios da psicanálise aos estudos sobre histeria. *Estilos clínicos*, 18(3), 574–590.

Rabelo, F. C., Filho, C. J. C. V., Danziato, L., & Quadros, R. B. S. (2017). Os Fundamentos da Técnica da Transferência de 1895 a 1905. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(1), 132–145.

Shamdasani, S. (1998). From Geneva to Zürich: Jung and French Switzerland. *Journal of Analytical Psychology*, 43(1), 115–126.

- Shamdasani, S. (2000). Misunderstanding Jung: The afterlife of legends. *Journal of Analytical Psychology*, 45(3), 459–472.
- Shamdasani, S. (2001). The “Magical Method that Works in the Dark”: C. G. Jung, Hypnosis, and Suggestion. *Journal of Jungian Theory and Practice*, 3, 5–17.
- Shamdasani, S. (2005a). Jung stripped bare: By his biographers, even. Em Karnac (Org.), *Jung stripped bare: By his biographers, even* (p. 1–132). Karnac. <https://doi.org/10.4324/9780429476341>
- Shamdasani, S. (2005b). ‘Psychotherapy’: The invention of a word. *History of the Human Sciences*, 18(1), 1–22. <https://doi.org/10.1177/0952695105051123>
- Shamdasani, S. (2011). *Jung e a Construção da Psicologia Moderna—O sonho de uma ciência*. Idéias & Letras.
- Shamdasani, S. (2012). Introduction: Jung, New York, 1912. In: Jung, C. G. (2012). *Jung contra Freud: The 1912 New York Lectures on the Theory of Psychoanalysis*.
- Steinberg, W. (1988). The Evolution of Jung’s Ideas on the Transference. *Journal of Analytical Psychology*, 33(1), 21–37. <https://doi.org/10.1111/j.1465-5922.1988.00021.x>
- Wiener, J. (2009). *The Therapeutic Relationship: Transference, countertransference, and the making of meaning*. Texas A&M University Press.